EX-LIBRIS

RUBENS BORBA
A. VES DE MORAES
Artes: José María de Avellan Brother.
TUMULTO DO POVO EM EVORA
1635
DRAMA EM TRES ACTOS
POR
Um ex-Tenente de Milicias.
Offercido
AOS
SEUS AMIGOS.

Que desastres que eu vi! que desacertos
Nos nove lustros de cansada vida!
De FILINTO ELYSIO.

S. PAULO.
Na Typographia de Silva Sobral.
(Em Palacio.)
1845.
Actores.

Andre' de Moraes Sarmento (30 annos de idade) Corregedor de Evora.
Cesinando Rodrigues (40 annos de idade) Juiz do Povo.
Joao Barradas (32 annos de idade) Escrivão do Povo.
D. Francisco d' Alancastre, Conde de Basto (60 annos de idade).
D. Elvira, filha do Conde (20 annos de idade).
D. Rodrigo de Mello (25 annos de idade) amante de D. Elvira.
D. Francisco de Mello, Marquez de Ferreira. (35 annos de idade) irmão de D. Rodrigo de Mello.
D. Affonso de Portugal, Conde de Vimioso. (30 annos de idade).
D. Juliao de Munhoz (27 annos de idade).
Fr. Jose' da Conceição (70 annos de idade) Frade Franciscano.
Fr. Joao de Vasconcellos (40 annos de idade) Frade Domínico.
Diogo Fernandes Salema (40 annos de idade) Novo Corregedor de Evora.
Maria (24 annos de idade) Criada de D. Elvira.
Braz (30 annos de idade) Criado de D. Rodrigo.
Escrivão do Corregedor.
Carcereiro, Povo, e Soldados.

Este Drama se figura na Cidade de Evora, reino de Portugal: tem tres actos, que forma tres periodos, havendo entre o primeiro e segundo o espaço de trinta dias, e entre o segundo e terceiro o espaço de um anno.
TUMULTO DO POVO EM EVORA.
1633

Acto 1.º Periodo 1.º

SCENA 1ª

Sala do Corregedor. — André de Mornes, Frei José, e D. Rodrigo.

AND. DE MOR. — E’ necessário que as ordens de El-rei sejam executadas, e à custa da minha vida se tanto for necessário elles hão de ser cumpridas.

FR. JOSE' — E’ muito louvável, santo e justo, que um Magistrado cumpra as ordens de El-rei; porém, S.º Corregedor, o Magistrado não é um instrumento cego, e sendo responsável por não cumprir as ordens do governo, é também responsável por cumprir aquelas que elle executor vê e conhece que podem produzir graves males, produzir inconvenientes, que El-rei de certo evitaria se estivesse presente.

AND. DE MOR. — E’ El-rei que governa e não o Corregedor de Evora: El-rei não tem superior.

FR. JOSE'. — Os reis governam em Nome do Senhor, eles recebem as coroas das Mãos da Omnipotencia, são sagrados e invioláveis, são os filhos queridos da Igreja de Jesus Christo, porém Deos é superior aos reis, acima das vontades dos reis está o justo; e a Santa Religiao de Jesus Christo lhes deve fazer ver e sentir, que a justiça divina os obriga à respeitar e a obedecer ao dever.

AND. DE MOR. — E podem os povos faltar às suas obrigações, e violar os juramentos de vassallagem?

FR. JOSE'. — E não tem os reis de Hespanha

* Vide Portugal Restaurado por D. Luiz de Menezes.
faltado aos seus juramentos? Tem cumprido os artigos de Convenções estipuladas em Córtes? Com que direito magestático quer Filipe IV tirar dos Portuguezes a título de tributo a enorme quantia de quinhentos mil crusados?

AND. DE MOR. — E pode o povo conhecer das convenções políticas?

FR. JOSÉ. — E para que chama o povo para execução d'ellas?

AND. DE MOR. — Os reis não dependem dos povos, elles tem o poder.

FR. JOSÉ. — O poder não sendo fundado na justiça é mera força, e os reis que chamao a si ta principio dão o exemplo, e lançao a luva ao povo: a guerra entre os reis e os povos nem sempre....

AND. DE MOR. — ( Interrompendo com muito calor) Basta, e se André de Moraes pelo respeito do habito de S. Francisco não ouvio o que disse Fr. José, talvez o Corregedor de Evora não possa deixar impune o religioso turbulento.

FR. JOSÉ. — Fr. José sabe e sempre soube dizer a verdade sem susto: Fr. José é religioso Franciscano e por isso sem o menor receio diz ao Corregedor de Evora, que elle não deve cumprir o mandado de El-rei, pois os povos não são obrigados à obedecer a ordens injustas e impossíveis: os reis deixao de ser reis, deixao de ser os ungidos do Senhor logo que se tornao tyrannos.

AND. DE MOR. — ( Em colera ) Os Religiosos e Sacerdotes não estão isentos das leis, e profundas e seguras masmorras lhes tem ouvido até os últimos suspiros.

FR. JOSÉ. — Estais enganado, Senhor, se acaso cuidaes rjue Fr. José falia sem receio por se fiar no habito ( pega no habito ), por se fiar na reverencia dos homens para com o religioso, ministro da Religiao de Jesus Christo, para com o homem consagrado ao Deos de paz e de liberdade! Conheço á fundo o coração humano, conheço melhor que vós, Senhor Corregedor, que o poder não respeita nem á Deos nem aos homens quando se julga ofendido e não seguro: conheço que nada ha sagrado para
Ministros de Estado ciosos da sua authoridade, soberbos e orgulhosos, e que os reis são quasi sempre escravos de taes ministros; conheço que os reis, prisioneiros d'Estado de seus favoritos, só sabem o que elles querem, e que sempre tomão as verdades como crimininos insultos, e a franquezia evangélica como acto de rebellião; (o povo grita fora — Viva a liberdade, viva o Duque de Bragança, morra o Corregedor —) mas se vos fallo com tanta lhanzea e sangue frio é porque não temo a morte, é porque é do meu dever dar a vida para soccorrer aos desgraçados. Este habito (pega no habito) que me cobre no convento me hade cubrir na prisão, e o misero e negro pão nas masmorras me hade ser tão saboroso como o da religião; e debaixo do pêso dos ferros louvando ao Altíssimo esperarei ordens mais poderosas, do que as dos reis. Senhor Corregedor, estou fatigado e desejoo retirar-me, e acabar com a minha missão de paz, e por ultima vez em nome de Deus todo poderoso, eu vos imploro suspendais as ordens de El-rei: em nome do Altíssimo eu dispersarei o povo, e Evora tornará a gozar da paz; e amanhã partirei para Madrid, e lançando-me aos pés de El-rei lhe farei ver que so eu sou o culpado, lhe farei ver a verdade, e na fé de Jesus Christo receberei sem o menor pezar a sentença de morte se à morte me condemnarem os homens.

**AND. DE MOR. — (Com muita raiva) A Inquisição, a Inquisição eu o juro!**

**Fr. JOSE. — Não jureis, não chameis o nome de Deus em vão! A Santa Inquisição não me hade condemnar por eu ter cumprido com o meu dever, por me ter vindo oferecer á morte para salvar Evora de um tumulto popular: para salvar os templos das profanações, as virgens dos ataques de brutaes apetites, as familias dos insultos e roubos dos malvados faccionitas, e aos homens de bem dos punhaes dos seus inimigos. O que podia eu fazer? Negar-me ao pedido do povo que me instou para vir á vossa casa ser seu procurador? deixar arder Evora e triunfar Satanaz só por nao ter o trabalho de**
sahur do meu convento, só para não me expor, só para não me comprometter? E devia me ter negado á honrosa missão de ser o Anjo da paz como o povo me acclamou? Senhor Corregedor, em nome de Deus eu vos mando que ouçais as seguintes palavras dictadas pelo puro interesse da santa religião—poupare o sangue dos vossos similhantes, dae paz à Igreja de Deus, e fazei triumphar a ordem e a lei (o povo torna á gritar—Viva a liberdade, abaixo os Filipes, seja Rei o Duque de Bragança).

AND. DE MOR. (Batendo o pé com furor) E assim que Deus manda triumphar a ordem e a lei?

FR. JOSÉ. — E que meios tendes para fazer calar o povo e reinar a ordem em Évora? que meios tendes para salvar a vossa própria vida? Se não quereis ouvir os conselhos da religião dae ao menos ouvidos aos sentimentos da vossa própria consciência, escutai vossos próprios receios, vossas incertezas, e vossos remorsos! Quereis faltando á prudência deixar arder Évora sem d'ahi resultar bem vosso, nem bem do serviço de El-rei? Poderá por ventura ser premiado um Magistrado que sem reflexão, sem ouvir os conselhos e os avisos prudentes, reduziu uma tranquilla Cidade á anarquia quando o podia ter evitado? Querera El-rei que o crime d'Évora lhe sirva de pretexto para destruir Portugal? Haverá ministros que aconselhem El-rei, que deixe amontoar n'esta infeliz Cidade crimes sobre crimes, para que depois o sangue dos criminosos e dos inocentes sirva de satisfazer a vingança da lei, e a vingança dos odios dos particulares acobertados com as hypocritas mascaras do amor da patria e do interesse publico?

AND. DE MOR. — (Com furor indo para a porta)

Subão.

D. RODRIGO. — (Agarrando o Corregedor pelo braço.) Que fazeis, Senhor, o povo vos faz em pedaços (O povo grita, Viva a liberdade, viva o Duque de Bragança).

AND. DE MOR. — Também vós, D. Rodrigo, sois procurador do povo? Um nobre tambem é trahidor ao seu rei?
D. Rod. — Não sou procurador do povo, mas sim venho em nome da Junta da Nobreza pedir-vos que suspendais a execução da ordem do tributo dos quinhentos mil crusados: a Junta já não tem mais meios para conter o povo, e ella não espera socorros da província antes conta com o levante geral: a Junta sabe que a Regente de Lisboa não pôde mandar forças porque assim não tem, e as tropas de Madrid chegarão tarde: a Junta vos pede tranquiliseis o povo e ella vae representar à El-rei.

And. de Mor. — Pois nem com os nobres eu posso contar? Também os fidalgos fazem causa comum com o povo?

D. Rod. — A nobreza Portugueza respeita muito à El-rei mas respeita mais a sua patria. Os reis foram criados para governar e fazer felizes aos povos e não para os tyrannisar e fazel-os desgraçados, e foi assim que Portugal aceitou e acclamou a D. Filippe II. Elle o jurou, e sujeitou-se aos Capitulos das Cortes de Thomar.

And. de Mor. — Aceitou e acclamou! Os Capitulos de Thomar! D. Filippe foi rei em virtude do seu direito de legitimidade, e da força de seus exercitos.

D. Rod. — Sois um imprudente, Senhor Corregedor! (levando a mão a espada.) Se os reis de Castella conquistaram Portugal para que convocarão e se sujeitarão às Cortes Portuguezas? Se os Filippes são reis de Portugal em virtude da força dos seus exercitos então elles não são reis portuguezes, pois a força não dá direito, e muito bem faz o povo em não obedecer, pois contra o facto ha o direito de resistencia, e apelo para outra força.

And. de Mor. — (Levando com furia a mão ao espátim.) Sois um trahidor, sois o principal cabeça do motim, sois vós quem poz o povo no estado em que se acha; (o povo grita — morra o Corregedor, viva a liberdade) e tenho em meu poder as provas necessarias. (O povo quer arrombar a porta, e o Corregedor foge, entrão immediatamente o Juiz e o Escrivão do povo.)
Juiz e o Escrivão. — Não suba, não suba, nós faremos que ela decida. (O povo grita — Viva o nosso Juiz, viva os paes da patria. O Escrivão e o Juiz ajoelhão aos pés de Fr. José e lhe beijão a manga e o cordoão, e depois levantão-se.)

Juiz. — Reverendíssimo Padre, aonde está o Corregedor?

Fr. José. — Meus filhos, o Corregedor não está aqui e em nome de Jesus Christo vos peço que haja paz. Vamos, meus filhos, e o Senhor será com vosco. (Quer subir, mas o Escrivão e o Juiz ficão, e elle reparando n'isso pára e diz) Vamos à Junta da nobreza e tudo se hade concluir em graça de Deus.

Juiz. — Digníssimo Padre, à quem o povo tanto respeita, nós não podemos anuir ao vosso desejo. A Junta dos nobres quer vender o povo: ella só quer com palavras doces estorvar o armamento para que cheguem as forças do tyranno, forças que mandou buscar e espera. O povo pôde muito bem passar sem os fidalgos, elles na sociedade são entre ninho, e só pesados pelo seu orgulho, riquezas, e privilegios: abaixo, abaixo os aristocratas, e viva a liberdade e igualdade de fortunas e condições, e sejão só cidadãos aqueles que trabalhão. (Continuando a falar com Fr. José.) Que resposta vos deo o nosso pequeno tyranno?

Fr. José. — O Corregedor assustado com as ameaças da multidão nada soube resolver. Meo filho, ouvi-me, pois vos fallo como verdadeiro amigo do povo: e vos juro pela sagrada Cruz do Redemptor, (Todos abaixo a cabeça) que só quero a sua felicidade; fazei, digno Juiz, que os vossos socios respeitem a lei e as authoridades, fazei que todos armem e vao para as suas casas.

Juiz. — Ora essa é boa! (dando uma grande gargalhada) Devemos hir para as nossas casas esperar que o Corregedor nos mande amarrar? Antes a morte, antes a morte! Vamos, Senhor Escrivão, procurar ao nosso amigo. (Saíem pela mesma porta por onde subiu o Corregedor.)

Fr. José. — Então, D. Rodrigo, o que me dizeis das ideias do povo? Onde está a vossa bella theoria
de que ele tende sempre para o bem, e quer só paz e protecção? Não vêdes que as paixões do homem são sempre as mesmas e que só as diferentes circunstancias da vida as fazem variar na execução? Não vêdes agora que o poder é sempre o mesmo esteja nas mãos de quem estiver — sempre absoluto, sempre zumbador das leis, sempre vingativo, sempre insaciável de riquezas, e sempre cobarde —? Não vos capcitaeis ainda que só as apparencias das organisações da sociedade, a hypocrisia da educação, a vaidade dos principios, a vangloria de virtudes, e todas as quimeras da grandeza humana são que fazem encobrir e sufocar mais ou menos as tendencias e interesses do poder dos homens? O Corregedor em nome de um rei absoluto zomba das leis fundamentaes, escarnece dos principios do dreito divino, não reconhece a justiça e o dever, ameaça-me com a morte, seus labios seccos de raiva só pedem rios de sangue, e em sua malvada razão, só se formão projectos de grandezas e riquezas tiradas do misero povo; mas vós o vistes vilmente fugir á vista do perigo! O povo ha dous dias com o poder anarchico em suas mãos já governa absolutamente, e não reconhecendo as leis da sociedade zomba até das proprias leis de Deos! ja não reconhece os direitos adquiridos, e a propriedade que elle para si chama sagrada já não é um direito para a nobreza! Suas mãos já se preparão e armão para derramar sangue sobre sangue, e sua escaldada e ignorante imaginação ja julga possível e realisavel o nivelamento de fortunas e condições! O povo que ha dous dias me chamava seu bemfeitor, seu anjo da paz, hoje me vira as costas, e amanhã me cravará o punhal no peito; mas logo que chegue o perigo vós o haveis de ver fugir coberadamente, acclarar a tyrannia e os tyrannos, incendiar as casas dos seus bemfeitores, e levar o seu interesse ao excesso de applaudir e assistir á execução dos seus mesmos companheiros! D. Rodrigo, joven amigo, a quem amo como se fosseis meu filho, (abraça a D. Rodrigo) basta de vos comprometerdes, e ainda é tempo: minha posição, minhas
altas protecções farão lançar um véo sobre o vosso procedimento. Vinde para o meu convento esperar que as cousas tomem a face que devem tomar; e quando a Providência decretar que Evora goze de paz, e que n'ella reine a ordem, então podereisgosar dos prazeres do mundo enganador.

D. Rod. — (Com vivacidade) Pois Fr. José, o meu mestre, o meu mentor, me manda abandonar o misero povo! sujeitar-me à escravidão fugir dos perigos, e ser egoísta? Poderei eu em paz regalar-me no vosso convento quando o povo sem guia, sem governo se despedaça? Poderei eu depois aparecer no mundo tendo consentido na escravidão, da minha patria? Fr. José, se eu podesse abandonar o mundo!.... se eu pudesse trocar a capa e a espada pelo vosso babito e cordão.... então!.... (fica pensativa).... Não, não!.... o irmão do Marquez de Ferreira não pode formar tais projectos. Sou filho segundo, sou pobre, não tenho honras, mas sou nobre, sou jovem, tenho valor e tudo hei de alcançar. Fr. José, meu amigo, (abraça Fr. José) não posso, não posso obedecer-vos!!!... Minha sina é ser chefe de uma revolução, minha estrela mandada que despreze os perigos, e que sobre elles forme minha fortuna, minha ventura. Só correndo riscos sobre riscos é que poderei tornar-me digno de possuir.... (fica pensativa.)

Fr. Jose'. — A D. Elvira?

D. Rodr. — Sim a D. Elvira. (com vivacidade:)

Fr. Jose'. — E quereis roubar D. Elvira a vosso irmão?

D. Rodr. — (Com raiva) Roubar! Por que?

Fr. Jose'. — Pois não sabeis que o Conde de Basto, seu pai, já a prometteu ao Marquez de Ferreira?

D. Rodr. — O Conde a prometteu ao Marquez!..... A ambição contractou com a soberba; mas o pai nada estipulou com o consentimento da filha, e por isso meu irmão não tem direito algum sobre D. Elvira, que não foi ouvida, e que o aborrece e odeia. E se for necessário esta espada!....

Fr. Jose'. — Fara commeter á D. Rodrigo cri-
mes sobre crimes! Fará que em Évora não hajam leis nenhuma costumes, fará reinar a anarquia, será ella a moto da guerra civil e.....

D. Rodr. — E libertará o povo, e chamara para o trono portuguez o seu legítimo rei.

Fr. José'. — Com a condição de ser o povo instrumento cego das paixões de D. Rodrigo, e o rei encher o irmão do Marquez de Ferreira de graças e riquezas, tornando-o mais poderoso que seu rival!

D. Rodr. — (Com desespero) Só o amor da patria, só os interesses dos Portuguezes!....

Fr. José'. — Só o amor de D. Elvira cega a razão de D. Rodrigo, só ao interesse de a possuir sacrificia o irmão do Marquez de Ferreira, o seu sangue, a sua alma, a sua religião, a sua patria, e todos os portuguezes!

D. Rodr. — (Com raiva leva a mão à espada) Fr. José! Fr. José! vós abusais, vós me perdeis!..... ja sou homem, ja não tenho mentor, ja não quero ser governado, nem reconhecer sobre mim um superior!

Fr. José'. — (Com paciência e bondade) D. Rodrigo, D. Rodrigo! vós abusais de vós mesmo! vós lançais em um abysmo! Agora mais que nunca necessitais de um pai, de um amigo, de um mentor, de um velho frade, que em nome de Deos vos fale, que vos anime, que vos console, que vos ensine a governar vossas paixões, e tenha a bondade de vos abrir os olhos, para que conhecais a verdade! (peça na mão de D. Rodrigo). Ha quatro lustros que o velho Marquez de Ferreira, no leito da morte me entregou uma criança de cinco annos, e me fez jurar de não abandonar ao seu filho querido, fruto de um segundo matrimônio, fruto de uma paixão e de um crime.... E esse menino era D. Rodrigo! Quereis que o frade com os pés na sepultura falte aos seus juramentos?

D. Rodr. — Quero que o respeitável ancião tenha prudencia.

Fr. José'. — (Com amor) Meu filho, a prudencia só pôde ter logar quando as cousas não chegarem ao extremo. Quando o doente está na ultima crise é
necessário salva-lo, é necessário usá-remedios fortes e últimos; e n'esta ocasião a prudência é só medo, é cobardia, é interesse, é crime; e aquellas que clama por prudencia ou são cegos de razão, ou são malvados socios no mesmo crime. (leva a mão de D. Rodrigo ao coração, e lhe diz chorando) Por causa de D. Elvira D. Rodrigo está com um pé no cadafalso, e talvez em bem pouco tempo D. Elvira não queira até saber do nome do infamado D. Rodrigo, que agora tanto lhe agrada, e desejá ouvir! Talvez ella em bem pouco tempo tome como uma injuria o amor do amante, que agora tanto presa. (D. Rodrigo chora) D. Rodrigo! D. Rodrigo! chora!... Desde já agradeço aos Céus de terem os nobres sentimentos do vosso coração triunfado sobre esse cego amor.

D. Rodr. — Fr. José, vós nunca amastes, e não sabéis o que é o amor!.....

Fr. José. — (Larga a mão de D. Rodrigo, e diz com calor) Nunca amei!.... (leva a mão direita sobre o coração e olha para o Céu) Deos de misericórdia! fazei que este misero coração ja esquecido do mundo, e regelado com setenta invernos, não palpite, não sofria com funestas recordações! Porem! ouço bulha! (vai ver quem é) ahí vem o juiz do povo..... graças à Providência divina, não achároo o Corregedor. (Pega no braço de D. Rodrigo) D. Rodrigo deveis me seguir, assim o mando em nome das cinzas do vosso pai. (D. Rodrigo põe o chapeo na cabeça e sahem.) Entrão o Juiz e Escrivão: ficão cobertos.

Juiz. — Com os diabos a casa está abandonada, nem o Corregedor nem os criados?

Escr. — Eu bem o procurei, fui as adegas, ao jardim, aos palheiros, e a toda a parte.

Juiz. — O mesmo fiz eu, porém agora estou convencido que o tal frade por artes do demónio lhe deu meios de fugir.

Escr. — Hade estar no convento comendo e bebendo e rindo-se do povo! Sr. Juiz, vamos dizer ao povo que vá queimar o convento, e leve o dia-
bo o Corregedor, e os frades, que são os peccados em carne... vamos.


Escr. — Que fructo? Eu ca por ora nada recebi antes tenho gasto.

Juiz. — Ainda não é tempo! Quando os bens dos fidalgos forem vendidos, nós por vil preço havemos de comprar boas propriedades, os empregos que el- -les tem serão nossos, e o dinheiro que se achar na occasião do sequestro, isso ja se sabe!...

Escr. — São as custas da revolução?

Juiz. — Isso mesmo, tiradas algumas esmolas pega os conventos, pois sempre é bom o termos a Deos da nossa parte.

Escr. — Porem não era melhor dar esmolas aos pobres, e mandar levantar um arco na praça publica em honra dos nossos feitos, e do nosso amor da patria?

Juiz. — Isso depois: dos cofres publicos devem sahir taes despezas, bem como as pensões às viu- -vas e aos benemeritos.

Escr. — Que cofre, nem meio cofre, o governo não tem vintem.

Juiz. — Lançao-se tributos.

Escr. — Porem não é esta revolução por causa dos tributos?

Juiz. — Estes são para o rei, e aquelles como hão de ser para o povo, tudo será bom e justo.

Escr. — Sãr. Cezinando, Vmc. sempre tem uma grande cabeça!

Juiz. — Porem, meu Barradas, porque motivo tanto desejavas achar o Corregedor?

Escr. — Para ajustar contas.

Juiz. — Porque?

Escr. — Elle ha dous annos me mandou pren- der, queria agora mostrar-lhe o poder do meu braço.

Juiz. — E porque vos mandou elle prender?

Escr. — Por nada, por causa de uma brinca- deira, por ter amado de mais uma donzella.
Juiz. — Então elle teve razão o mesmo faria eu.

Escr. — Qual razão, nem meia razão; fez-me mal, devia ter fechado os olhos, e agora que o povo governa, os magistrados devem pagar as injurias feitas com justiça ou sem ella; e se assim não é para que gritamos — Viva a liberdade!—

Juiz. — Sinto passos!..... Do jardim vem algem!..... vamos-nos esconder n’aquella porta para observarmos quem é. (vão).

Entra Braz, pé por pé, muito assustado e benzendo-se.

Braz. — En nome do Padre, Filho, e Espírito Santo! Santo Deos, parece que tudo morreo!... Nem criados, nem criadas, nem o Corregedor, nem meu amo! E esta!..... Como é que deixarão a porta do jardim aberta, e a casa d’esta maneira! (bate na testa)..... Quem sabe se o Sr. povo levou tudo para o cemiterio?..... porem não pôde ser, pois o Sr. D. Rodrigo é protector do povo, e a Sr. a D. Elvira que anda em dia n’estas cousas não havia de me mandar entregar uma carta, já e já, á uma alma do outro mundo! (torna a benzer-se). Porem para que dei ouvidos ao povo, para que acreditei que meu amo estava n’esta casa; e para que fui confiado entrando pela porta do jardim?..... Sr. Braz, Sãr. Braz, fez mal!..... agora se faltar alguma cousa hão de dizer, foi o Braz, foi o Braz!..... e que tal!... Vamos por onde entramos (quer sahir mas o Juiz do povo o prende ficando de um lado o Juiz do outro o Escrivão).

Juiz. — Estais preso a ordem do povo!

Escr. — E’ espião hade morrer por vontade do povo!

Braz. — (Tremendo se ajoelha e com as mãos postas) Que!?..... que!?..... peão!..... e mais que peão..... sou peão, sou do povo, sou um criado de Vmcs.!

Juiz. — Levanta-te (Levanta-se tremendo) Quem te mandou aqui?

Braz. — Da casa do Sãr. Conde de Basto.

Escr. — O Conde de Basto, o maior inimigo do povo! E’ espião! morra summaria e prompta—
mente.... Sr. Juiz peço em nome do povo justiça, se não.... (Tira uma pistola. Braz se deita no chão e principia a gritar.)

Braz. — Misericordia! misericordia, Sr. Juiz! appello para o Sr. povo!.... meu amo, meu amo!.... Sr.ª D. Elvira!... Sr. Fr. José!... St.º Braz!.... Anjo da minha guarda!

Juiz. — Cala-te, e levanta-te já (Braz se levanta.) Quem é?

Braz. — O criado do Sr. D. Rodrigo.

Juiz. — O que vieste aqui fazer?

Braz. — Visitar o Corregedor.

Escr. — Morra, morra é traidor ao povo!

Juiz. — Pois o que queres do Corregedor?

Braz. — (Tremendo e fazendo caretas) nada, nada,.... Sr. Juiz.

Juiz. — Então vieste dar-lhe meios de fuga?

Braz. — Eu!.... eu!.... juro pelo Santo Breve da marca que nem se quer o vi.

Juiz. — Se o visses?

Braz. — Faria o que Vmcs. mandassem.

Juiz. — Conta a verdade: o povo é um Juiz recto, e se estás innocente defende-te?

Braz. — Sr. Juiz, sou tão innocente como os meninos que nascerão hoje; pois olhe, Sr. Juiz, os peccados velhos hontem os deixei no convento de S. Francisco; e que penitencia! que penitencia! (Principia a chorar.)

Juiz. — Em nome da lei vos mando dizer a verdade, se não!....

Braz. — A verdade, a verdade, sim Sr., a verdade.... olhe Sr. Juiz eu vim procurar o Chefe do povo....

Juiz. — O Chefe sou eu, e o que me queres?

Braz. — Vmcs. (fazendo cortezias) Vmcs. ! Vmcs. ! porem! porem!.... olhe Sr. Juiz, onde está o Sr. Rodrigo, o Sr. meu amo, aquelle que tem dado um milhão de juramentos de defender o povo!

Juiz. — Então vieste procurar a D. Rodrigo.

Braz. — Bravo, bravo, Sr. Juiz, isso mesmo é a verdade, verdade verdadeira.

Juiz. — Quem te mandou?
Braz. — Peor é essa!... Sôr. Juiz, um cria-
do não pôde declarar os segredos do seu amo! E
que segredos!....

Escr. — Traidor! traidor!.... morra (aponta a
pistola e Braz se põe de joelhos.)

Braz. — Perdão! perdão!.... um padre, o Sôr.
Fr. José! (Chora).

Juiz. — Mando, e quero saber já e já esses se-
gredos; talvez d’elles dependa a salvação da patria,
cujos destinos estão confiados pela Providência ao
meu sabio governo.

Braz. — A Sr.a D. Elvira!....

Juiz. — Aonde está ella?....

Braz. — Em sua casa.

Juiz. — Então?....

Braz. — Esta carta! (tira da algibeira uma car-
ta e a dá ao Juiz. Lera-se, e sempre chorando per-
gunta ao Juiz.) E posso agora ir cumprir a minha
penitencia?

Juiz. — Podes. (Sahe benzendo-se.)

Escr. — Uma carta! Que prova!.... que prova!....
Tudo estava perdido, tudo estava perdido se não
fosse o meu zelo, a minha actividade e finura! (ex-
clama com orgulho.) Patria está salva!

Juiz. — Vamos a ler a carta.

Escr. — Alto lá, Sôr. Juiz,... um tal docu-
mente só pôde ser aberto perante o povo.

Juiz. — (Zangado.) E não sou eu quem gover-
no? Não tenho em minha mão todos os poderes do
povo?

Escr. — Governa!.... sim governa, mas em
nome do povo; e sobre poderes Vmce. os não tem,
ao menos não me consta quando, a onde, e com
que condições o povo lhes désse.

querr introduzir a anarchia, e parece-me que ja está
vendido aos tyrannos! Trema!! (Abre a carta e le.)

“D. Rodrigo — Ha dias chegou de Madrid Fr. João
de Vasconcellos, e traz amplos poderes d’El-rei.
Amanhã ás 9 horas se reune a Junta dos nobres,
e deveis comparecer sem falta pois meu pai e os
fidalgos principiao a murmurar de vós. — Adeos.,
(Fecha e guarda a carta e dá uma grande risada, e passeando diz com escarneco,) Pátria! estas salva! Pátria! estas salva!

Escr. — (Zangado.) Vmc. zomba! Olhe que eu sou do povo, sou povo, e o povo pôde esmagar e reduzir a pó a sua autoridade!

Juiz. — Zangado.) Lembre-se, Sêr. Barradas, que eu tenho o poder!

Escr. — Poder de falar, não é assim? (Dá uma grande risada.)

Juiz. — Nada de questões, que não tem afinidade com os altos interesses políticos. O povo nos espera — vamos. (Saem.)

**SCENA 2.**


D. Elvira. — Meu pai por maneira alguma deve abrir a porta, eu vos peço que tenhaes piedade de mim!

Conde de Bast. — De nada devo temer, minha filha; e se o povo desejá entraí porque motivo devo ter receio de lhe abrir as portas do meu palácio?

D. Elv. — O povo amotinado não tem razão bastante para reconhecer o seu dever, e a paixão que o cega pode obrigá-lo á menosprezar vossas virtudes, correndo talvez risco a vossa própria vida. E' necessário, meu pai, ceder á grande torrente. (O povo grita — Viva a liberdade!) Ouvi, Sêr., como o povo em furia, chama a seu favor a liberdade, e julga consistir ella na licença de entrar arbitrariamente em vosso palácio!

Conde Bast. — Se eu não me oppuzer á torrente popular, quem mais terá obrigação de salvar Évora da triste crise que a ameaça?

D. Elv. — Vós não viveis só para o Estado, vives tambem para mim! Sois cidadão, mas tambem
sois pai; e arriscar a vossa vida é abandonar-me, é deixar-me na orfanandade! (Chora.)

Cond. Bast. — Minha filha!... Eu não te abandono, eu te adoro! Querida Elvira, (pegue na mão de Elvira) amada filha, eu só vivo para ti!

D. Elv. — Pois então meu pai porque não me fazeis a vontade, porque não vós retirais, e porque não deixais que eu falle ao povo: elle hade respeitar o meu sexo e a minha idade! (O povo grita — abaxo os aristocratas, morrão os tyrannos.) Não ouvis, Sêr! O povo talvez instigado pelos vosso inimigos! Talvez sirva de instrumento....

Cond. Bast. — Sim, minha filha, essa é talvez a pura verdade. O povo n’estas occasioes é quasi semem instigado por aventureiros, que tudo tem a ganhar, e só a perder a cabeça, sempre jogada com imprudencia nas revoluções em troca de imaginarias felicidades, ou então com vós planos de satisfazer mesquinhas paixões! Elles servem-se da multidão como de um instrumento, sem se lebrarem que a mesma revolução os hade devorar; e que essas mas- sas populares, instrumento fatal dos seus planos, só constituem um poder precario, sem os vinculos da moralidade, da religião e do respeito para com os principios do justo. Não se lebrão, que, posta uma vez em giro a roda de qualquer revolução, não está no calculo humano o adevinhar a meta de sua car- reira: não se lebrão, que, elles mesmos quando trememrém á vista dos crimes populares e quizerem lançar o braço para obstar o progresso d’esta ordem de cousas, hão de ser esmagados debaixo d’esse violento movimento a que derao impulso! (O povo gri- ta — deite-se fogo ao palacio.)

D. Elv. — (De joelhos.) Retirae-vos, meu pai, eu fallarei ao povo!

Cond. Bast. — (Levantando D. Elvira.) Como queres que eu te exponha ao furor do povo, que por natureza é feroz, e que por habito é ingrato? Elle nem ouve os gritos da natureza, nem respeita as Leis de Deos, nem as da sociedade! Julgas que o teu sexo pode impor á populaça sempre imprudente e desenfeirada nos momentos da sua prosperidade?
Não, minha minha tal não consinto, e mando como pai que te retireis; e espero e quero ser obedecido!

CREADA. — (A parte.) Estou tremendo... se D. Rodrigo aparecesse seria agora um anjo.

D. ELV. — Eu vos obedeco, meu pai, porém...

COND. BAST. — Nada de excusas — Ausenta-te assim o mando. (Sahe D. Elvira chorando juncto com a criada. O Conde vae abrir a porta, o povo entra mas fica todo juncto á porta, e o Conde de Basto com muito sangue frio lhe diz.) Povo d’Evora que me quereis? Sou vosso natural, tres vezes governei este Reino sem vos fazer agravo, aqui me tendes: e se para vossa quietação serve a minha morte, matae-me, e socogae-vos: se quizerdes poupar-me a vida para vos ajudar no que vos convem, obrae como vos parecer, mas não vos esqueçais de que sois Portuguezes, onde nunca se conheceu mancha de deslealdade! (O povo confuso se retira.)

COND. BAST. — (Olhando para o Céo.) Deos de piedade! eu vos agradeço o vosso amparo! (Entra D. Rodrigo.)

D. RODR. — Sür. Conde, (Tira o chapeo) constou-me que o povo faltava ao respeito devido à vossa pessoa, corri, e ainda em vossa escada achei aos imprudentes,... esta espada! (leva a mão a espada.)

COND. BAST. — D. Rodrigo, eu vos agradeço, porém risco algum corri, antes pelo contrario cheio de gloria confessó, que o povo respeitou a minha idade. (Vae para o pé de uma mesa e toca uma campainha; entra um criado e o Conde lhe diz.) Dai-me cadeiras. (O criado traz cadeiras e sahe.)

D. RODR. — Não obstante o vosso valor sempre foi uma imprudencia expor os vossos preciosos dias, que tão necessarios são à patria.

COND. — Cumpri com o meu dever; e vos juro que fallei ao povo sem o menor susto?

D. RODR. — Em taes occasões nem sempre a multidão respeita o merecimento.

COND. — E' a grande vantagem que o homem religioso tem sobre o impio: nas crises o impio desespera, e o homem temente a Deos se enche de esperanças e confiança. — Assentai-vos Sür. (Assen-
Tão-se.) Tenho que vos comunicar, que El-rei escreveu à Junta da Nobreza agradecendo-lhe os bons serviços prestados; e desejando El-rei acabar com meios brandos o tumulto do povo mandou Fr. João de Vasconcellos com plenos poderes para reduzir os animos, perdoando a todos aqueles que quiserem aceitar a clemencia real. Hoje devia haver Junta, mas a ausência de alguns fidalgos foi a causa de ficar a reunião transferida para o dia vinte, as oito horas da noite; desejava a vossa presença, para que o vosso parecer fosse também dado sobre o melhor meio de convencer ao povo a largar as armas. Aproveito também esta ocasião para vos dar parte que vosso irmão o nobre Marquez de Ferreira me pediu a mão de minha muito amada e presada filha (D. Rodrigo se impacienta); e esta união.... o que tendes Snh.? 

D. Rodr. — Nada!.... podeis continuar.  
Conde. — Esta união vos deve ser agradável: o casamento ficou justo para ... (D. Rodrigo se levanta arrebatado, e com violência diz). 

D. Rod. — Para quando o sangue do povo correr?  
Conde. — (Levanta-se e muito a sangue frio diz.) Não, D. Rodrigo, não haja haver sangue, e espero que o dia das bodas será um dia de paz para o povo de Evora. Vós haeveis de concorrer para que o povo acceite.... 

D. Rod. — (Com impetuosidade.) Os ferros, a escravidão!!  
Conde. — (Com espanto.) Eu me assusto com as vossas palavras, e.... 

D. Rod. — Que esperar põe Portugal de um rei que pretende mandar tropas estrangeiras contra o povo? De um rei que é estrangeiro aos portugueses? O que se põe esperar de um rei que não respeita aos seus juramentos, é o primeiro a violar as leis fundamentaes?  
Conde. — (Com impacienca.) Fallai baixo, Snh., pois n’aquele quarto (aponta para o lado) está hospedado Fr. João de Vasconcellos, e vos põe ouvir.
D. Rod. — Está em vossa casa o espião do Conde Duque?

Conde. — Prudência D. Rodrigo!

D. Rod. — Que fim levárao as conquistas portuguezas? Que fim levárao as riquezas do reino? Que fim levárao as Côrtes portuguezas? Em que consiste hoje a liberdade do povo e os privilégios da nobreza?

Conde. — D. Rodrigo a vossa idade vos arrebata?

D. Rod. — Pois haverá algum portuguez que não chore sobre as ruínas da patria! Que não desespere à vista das desgraças que os reis Filippes tem causado a Portugal?

Conde. — Vós confundís os erros dos Ministros com a vontade dos reis.

D. Rod. — E de que servem aos portuguezes reis que são escravos de seus ministros? De que serve a Portugal a actual monarchia quando os reis reinão e não governão?

Conde. — (Com impaciencia.) Nossos avós todos viverao sobre o governo de reis!

D. Rod. — (Com culor.) Mas não de ministros.

Conde. — E ainda que as cousas fossem como o vosso patriotismo as pinta, é necessário fazer agora justiça à Côrte de Madrid. O Conde Duque mandou a Fr. João para persuadir ao povo a largar as armas, e ao Juiz Cesinando Rodrigues, e a João Barradas, seu Escrivão, para irem à Côrte pedir perdão a El-rei: S. Magestade lhes perdoa e a todos os complicados no tumulto, seja qual for o seu numero e jerarchia. O Corregedor André de Moraes já está removido para Braga; e Diogo Fernandes Salema só vem a Evora para administrar justiça, e fazer reinar a ordem. El-rei mandou pôr em movimento as suas tropas, porem com evidente razão e sabia política, pois os governos necessitão, para serem governos, perdoar, mas perdoar com dignidade e com proveito da sociedade.

D. Rod. — (Com vivacidade.) Perdoar espezinhando?

Conde. — Perdoar como superior, com poder,
e por ter poder, e não pactuando de igual a igual, por fraqueza e falta de recursos.

D. Rod. — Perdoar como tyranno?

Conde. — Perdoar é sempre perdoar, e em tal acto nunca ha tyrraninia.

D. Rod. — E julgais, Sír. Conde, que não ha tyrraninia quando um governo quer que um povo inocente se confessasse criminoso?

Conde. — O povo de Evora não está inocente.

D. Rod. — O povo de Evora está em seu direito: são portuguezes, querem salvar a patria do jugo extrangeiro.

Conde. — São portuguezes, e querem com uma imprudente e louca revolução, sem plano, sem combinação, e até sem fim político, sacrificar a patria! Querem que a patria de uma vez perca o seu nome, e o resto de sua antiga gloria! Estais vós, D. Rodrigo, convencido, que uma cidade, ou mesmo uma província esteja em seu direito, quando com tumultos arruina o reino? Julgais ser possível que nos Estados se consintam, se approvem, ou mesmo se tolerem os tumultos partciaes da população?

D. Rod. — E julgais vós, Sír. Conde, que o direito nace do numero, ou da força? Julgais que os povos nascerão para ser escravos dos governos; e que o direito de resistencia seja uma ficção, uma quimera?

Conde. — Tudo tem um meio termo, e vossas ideias sendo verdadeiras necessitão ser combinadas....

D. Rod. — (Com muito calor.) Combinadas com o medo, com a cobardia!

Conde. — (Com paixão.) Sinto que o filho do nobre Marquez de Ferreira me guarde menos respeito do que a plebe de Evora! No Conde de Basto não ha medo; e a cobardia nunca foi a partilha de sua familia. Os annos me tem dado a prudencia que vos falta, e amor de patria mais ilustrado do que o vosso! (Pega na mão de D. Rodrigo e a leva ao coração.) Reparai! escutai o bater d'este coração, e decidí se n'elie ha ou não firmeza! se n'elie po-
de entrar o medo e a cobardia! Decidi se elle pertence ou não à um Alancastre!

D. Rod. — (Retira a mão com pejo.) Perdoai Senhor.

Conde. — Sim, joven amigo, vossos annos tem a desculpa pedida! Eu também passei pelo verdor da mocidade, também sofrí o combate das paixões, e também julguei que o amar a patria consistia ardente ambicionar vel-a livre dos ferros estrangeiros, fossem quaes fossem os meios (Fr. João vem a entrar na Sala, mais ouvindo a conversa torna para a porta, e fica escutando.) Tramei; procurei acordar todos os sentimentos de patriotismo nos fidalgos; revolvi todos os meios de chamar a nossos interesses as nações estrangeiras; amei e excitei o furo, e todas as paixões do povo; corri Portugal — cidade por cidade, villa por villa, e de todo o meu trabalho só consegui a severa lição de vêr e conhecer, que o brio das nações morre, como nos homens morre a actividade.

D. Rod. — (Com arrebatação,) O brio da patria ainda não morre, nem hade morrer!

Conde. — Assim seja; porem ouvi-me: — Portugal curvado debaixo do pezo da sua gloria, e grandeza, expirou com EL-rei D. Sebastião nas ardentes areas d’Africa! Lá na Africa ficarão sepultados,— o nosso rei, a nossa gloria, o nosso nome, a flor da nossa nobreza; e mais que tudo a nossa liberdade, e as nossas esperanças!

D. Rod. — (Com impaciencia.) As nossas esperanças! Ah!.... não!.... não!.... Portugal será livre; teremos um rei nosso, e o reino volverá aos seus bellos dias de gloria!

Conde. — (Suspirando.) E' um impossivel!

D. Rod. — Impossivel! porque? Não está ainda D. João em Portugal? Não lhe compete de direito a corón? A nobreza não tem o direito de o chamar para o throno? O povo não o adora?

Conde. — E de que serve o direito sem a força necessaria para o sustentar? Que esperanças podemos ter à vista da nossa fraqueza? Póde por ven-
tura Portugal sem recursos alguns sustentar uma guerra contra o poder das Castellas?

D. Rod. — As nações estrangeiras?....

Conde. — Os estrangeiros só tomarão parte na lucta da independência, se acaso Portugal quiser trocar os ferros — deixar de pertencer á Peninsula para pertencer a um Senhor longiquo; deixar de ser provincia para ser colonia.

D. Rod. — Os nobres?....

Conde. — A nobreza não tem armas, não tem dinheiro; não tem clientella, e não tem uniao.

D. Rod. — O grito da liberdade os hade unir!

Conde. — Estaiais enganado! Muitos julgao que a Peninsula deve ter um só governo, e que Portugal só pôde ser feliz fazendo parte de uma grande monarchia, cheia de vida e recursos.

D. Rod. — ( Com leviandade.) E seréis vós um dos que possuem essa convicção?

Conde. — ( Com paixão.) Eu amar aos Filippes! Desejar ser Castellano! ( puxa pela espada ) Experimentai, Sür., se este braço é ou não de um portuguez!.... ( Entra repentinamente Fr. João, e fica entre os dois.)

Fr. João. — Prudência nobre Conde!

Conde. — Quando um velho se recorda dos antigos feitos dos seus maiores, gosta de puxar pela espada para ao menos se lembrar que a soube também manear. ( Embainha a espada.)

Fr. João. — Parecia-me que!....

Conde. — Estavamos conversando sobre o casamento de minha filha.

Fr. João. — Casa com D. Rodrigo? ( a parte Que velho dissimulado! )

Conde. — Com seu nobre irmão.

D. Rod. — ( Com desesperação.) Nunca!.... nunca!.... Tal casamento não se hade fazer!

Conde. — ( Com admiração.) O que dizeis D. Rodrigo?

D. Rod. — Que vossa filha aborrece de morte a meu irmão; e que jura....

Conde. — ( Com impaciencia.) Jura obedecer a seu pai!
D. Rod. -- (Com furor.) E' falso! .... é falso! ....

Conde. -- Vós o haveis de ouvir d'elle mesma!

(retira-se. D. Rodrigo fica aterrado, e depois de alguma
pausa Fr. João diz.)

Fr. João. -- Que mais quereis ouvir?

D. Rod. -- De vós, nada.

Fr. João. -- De certo, porque não amais a D. Elvira.

D. Rod. -- (Com vivacidade.) Não amo a D. El-
vira! ....

Fr. João. -- Sim, porque se a amasseis havieis
de procurar os meios de a possuir; e nada mais
facil.

D. Rod. -- Facil! .... Mensageiro de Deos, An-
jo do Céu., por compaixão fallai! .... Eu juro! ....

Fr. João. -- Obedecer-me?

D. Rod. -- Sim.

Fr. João. -- Pois bem; ouvi-me: -- Vós sabeis
que o Conde de Basto é trahidor, que elle finge
querer aplacar o povo, mas que na realidade só
trata de promover a guerra civil....

D. Rod. -- (Com arrebatação.) Não sei tal!

Fr. João. -- E D. Elvira?

D. Rod. -- E para que fallaes em D. Elvira?

Fr. João. -- E' ella a desposada de vosso irmão!

D. Rod. -- Pois bem; continuai.

Fr. João. -- Eu tudo posso na Corte de Ma-
drid, mas necessito fazer alguns serviços para sem
-ciune dos Cortezãos receber uma graça de El-rei.

D. Rod. -- (Com impaciençia.) E em que vos pos-
so eu ser util?

Fr. João. -- Em tudo: -- jurai-me segredo?

D. Rod. -- Eu juro.

Fr. João. -- El-rei quer desfazer-se de D. João
Duque de Bragança, e necessita fazer retirar de
Portugal a nobreza do reino, deseja porém fazer
isto sem offender a Deos, e sem ter remorsos de
consciencia: Sua Magestade quer ter provas contra
o Duque, e contra os fidalgos. O tumulto de Évora
tem sido de tal modo organizado, que não só não
ha provas contra D. João, mas até a nobreza se
tem comportado de maneira tal, que merece louvo-
res; e El-rei não só está desgostoso, mas também se acha embaraçado nas suas altas, políticas, e paternas vistas à respeito da nossa patria. El-rei me honrou com a sua confiança, e me mandou a Evora a fim de procurar o fio da trahição, e descobrir os criminosos: não fui para o meu convento, e me hospedei n'esta casa, centro da Junta dos nobres, para melhor poder saber de tudo, e a fundo entrar neste mysterioso tumulto promovido pelo Duque; e graças á Providencia, tenho alcançado plenas provas contra a nobreza de Evora, e contra os seus Chefes — o Conde de Basto, e esse malvado estrangeiro Fr. José da Conceição.

D. Rod. — (Com horror.) Faltais em tudo à verdade!

Fr. João. — A verdade é, que a manhã devo fazer saber um correio para alcançar de El-rei licença para D. Elvira se casar com vosso nobre irmão!

D. Rod. — (Com furor.) Fr. João, mensageiro do inferno, continuai!

Pr. João. — Contra vós também tenho provas, mas reconheço que fostes iludido por esse frade, vosso antigo mentor.

D. Rod. — (Em cólera.) Mentes, monstro!

Fr. João. — Monstro é o Conde de Basto, que tendo sido a causa da vossa perdição, agora vos nega D. Elvira só para dar-a ao Marquez de Ferreira!

D. Rod. — (Poe o chapeo, e com calor diz.) Fúria do inferno; e ípie mais?

Fr. João. — (Com ternura affectada.) Amei a vosso pai, e não só quero salvar-vos, mas igualmente quero dar-vos D. Elvira por esposa, e encher-vos de graças, honras, e pensões.

(Entra o Conde de Vimioso sem ser visto; fazendo cutucando.)

D. Rod. — (Com impaciencia.) Como?

Fr. João. — Vinde com-migo a Corte de Madrid e denunciai o Duque de Bragança, o Conde de Basto, e Fr. José da Conceição: eu farei com que ao Conde nada aconteça, e que El-rei vos mande dar em cazamento D. Elvira: ambos vós se
reis admitidos no Paço, e a vossa fortuna em breve estará feita.

**Conde de Vimioso.** — *(A' parte.)* Que furia! Que perverso!

**D. Rod.** — *(Com muita paixão.)* Alma condamnada! Monstro do inferno! Ministro do demónio!... o que é que me aconselhais? Que denuncie ao Duque, ao Conde, e a Fr. José, não obstante estarem elles inocentes! Que me faça vil denunciante, que aceite o emprego de algoz para poder possuir D. Elvira!... Frade maldito de Deos, eu hei-de esporar a D. Elvira sem ser criminoso; salvo se os teus socios chamarem crime á tua justa punição! *(Tira um punhal)* Com este punhal vou arrancar a vil alma d'esse vil corpo! *(O Conde de Vimioso correndo sem ser visto, entra para o interior de palacio.)* Tremeis, vil e malvado espião? *(Fr. João tremendo)*... Sois um ministro da religião de Jesus Christo e me aconselhais que me lance no inferno!... Sois um mensageiro de El-rei, e procurastes a hospedagem d'esta casa para melhor cobarar e horrorosamente assassinar ao dono d'ella!... Foste amigo de meu fallecido pai, e por isso procurastes a ferida mortal do meu coração, para me obrigardes á servir-vos de instrumento nos vossos crimes!... Pedí perdão a Deos! aqui mesmo haver-sei de morrer, pois aqui mesmo commettestes o crime!

**Fr. João.** — Sou um Sacerdote, e em nome da Igreja vos excommunho!

**D. Rod.** — Zombo das vossas ameaças, e rion-me da vossa excommunhão!

**Fr. João.** — Juro que mal algum heide fazer!

**D. Rod.** — Não ouço juramentos dados por um assassino, por um perverso!

**Fr. João.** — *(Tremendo.)* Farei ver a El-rei que todos estão inocentes!

**D. Rod.** — O vosso valimento só servirá nos abismos!

**Fr. João.** — Se tocaes n'este habito *(pega no habito)* eu vos cito para responderdes ao Santo Tribunal da Inquisição!
D. Rod. — Comparecerei perante o Tribunal da Inquisição, perante Deos, e perante os homens, depois de vós ter tirado a infame vida! (Vai a querer ferir Fr. João, mas entra no correndo o Conde de Basto e o Conde de Vimioso, ambos com os chapéus na cabeça, e o Conde de Vimioso suspende o braço de D. Rodrigo que vai a descarregar o golpe.)

Conde de Basto. — Que fazeis D. Rodrigo!....

Um assassinato em minha casa!....

D. Rod. — Quero prevenir que um tigre escondido em vossa casa, não devore ao Conde de Basto e a toda a sua família!

Conde de Basto. — E com um punhal?....

D. Rod. — A espada, emblema da honra, não serve para punir a vileza!

Fr. João. — (Muito animado.) Nobre Conde de Basto, essa furia (aponta para D. Rodrigo) me queria obrigar a seduzir a vossa filha para com elle fugir! (D. Rodrigo quer de novo assassinar a Fr. João, porém é detido pelo Conde de Vimioso.)

Conde de Basto. — Fr. João, eu já sei a verdade, e em duas palavras vos digo tudo: — Deos Misericordioso me hade livrar, e a todos os inocentes, dos perigos que nos preparas; e hade castigar os vossos crimes. Retirai-vos em paz da minha casa; ella é muito nobre, e não posso consentir que debaixo de seu tecto se castigue um criminoso.... retirai-vos Sãr! (Fr. João sahe furioso.

D. Rodrigo guarda o punhal.)

D. Rod. — (Com admiração.) E soltais a fera?

Conde de Basto. — D. Rodrigo, homem nobre e generoso, vinde à meus braços! (D. Rodrigo e o Conde se abraço.)

Conde de Vimioso. — O perigo é grande, e o tempo corre velozmente, é portanto necessario quanto antes dar providencias!.... Todos nós devemos tremer dos planos de Fr. João de Vasconcellos!

Conde de Basto. — E o que posso eu fazer?

D. Rod. — (Com muito calor.) Acclamar a D. João rei de Portugal! Animar a nobreza; armar o povo; e aceitar o nome — de nosso nobre chefe, e de libertador da patria!
Conde de Basto. — Procurar morrer criminoso!
D. Rod. — (Com muito ardir.) E' mais nobre morrer no campo da honra do que no cadafalso: é mais glorioso morrer com a espada na mão do que com os ferros nos pulsos: é maior patriotismo oferecer o peito às lanças dos inimigos do que cabeça ao algoz!
Conde de Vimioso. — Devemos consultar primeiro a Fr. José da Conceição, e elle será o nosso guia. — Vamos. — (sahem.)
Maria. — E para que é tanto chorar?
D. Elvira. — Tú não amas, pois se amasses, e padecesses tanto quanto eu padeço, havias de conhecer que o chorar é o único recurso dos amantes infelizes! (Chora)
Maria. — Ora isso é de mais, minha Senhora!
D. Elvira. — Meu coração sente alívio com o pranto, as lagrimas fazem desvanecer os tormentos de minha alma, e esquecer os sentimentos que me rala a vida, e as ideias que me assustão e horrorisão! O chorar me cança, e assim obtenho o socorro de que necessito, e a vontade de que careço! (Chora)
Maria. — E que fim hade ter este negocio?
D. Elvira. — Hade acabar com a morte!
Maria. — Vós, minha Senhora, tendes a culpa de tudo, e em vossas mãos está o remedio.
D. Elvira. — Em minhas mãos?
Maria. — Por que não fallais a verdade ao Senhor Conde? Elle vos ama e adora, e se prometteo a vossa mão ao Marquez de Ferreira, foi de certo contando com a vossa vontade, mas como esta não existe a convenção não tem vigor.
D. Elvira. — Eu! contradizer a meu pai!.... Antes morrer!
Maria. — Antes casar!
D. Elvira. — E sabes o que é o casamento?
Maria. — Não sei porque nunca fui casada; e nunca n'isso pensei porque nunca amei.
D. Elvira. — Nunca amaste?
Maria. — Nunca, minha Senhora.
D. Elv. — Feliz mulher!
Maria. — Engano, minha Senhora, pois sou feliz! Sinto no fundo da alma um desprazer de não amar, de não achar uma pessoa a quem ame, de não ser igual as de mais mulheres, de não sofrer como elas sofreem, de não gozar como elas gozam, e de não chorar, como vós chorais! Possuo sentimentos que não sei o que são! Tenho ideias que não sei explicar! Padeço e não sei de que, sinto uma falta e não sei qual ella é! Ha na minha vida um pensamento incerto e inconstante, e um desejo sem objecto, que me distrahe, me amosina, e me mata!

D. Elv. — (Suspirando.) Maria treme de ti mesma! Teu coração é sensivel, a natureza grita, e tuyo mais cedo ou tarde és vítima do amor, e és desgraçada!

Maria. — E se a natureza manda amar porque não havemos de amar! Se tenho de ser desgraçada amando ou não amando, antes amar e penar, do que ficar velha, desejar, sofrer, e morrer.

D. Elv. — Maria, tý fallas segundo os sentimentos do teu coração, e não attendes aos preceitos da razão.

Maria. — Preceitos da razão no amor! Minha Senhora, eu nunca amei, mais pelo que sinto, julro-vos, que, se amar, heide só seguir os sentimentos do coração. Calculos de razao para amar! Nada, nada, heide-me sempre lembrar do que me dizia minha avó — casamento e mortalha no Céo se talha.

D. Elv. — Não é assim, Maria, e a lucta entre o amor e o dever, é a causa das desgraças das mulheres. Nós todas, sejão quaes forem as nossas posições sociais, nascemos para amar, e o amor é um resultado necessario da propria natureza. O amor é o elemento proprio do nosso sexo, é o ornato mais brillhante dos nossos corações, e é a arma mais poderosa dos nossos encantos! O amor é o nosso bem ideal, é a nossa mesma vida, é o proprio ar que respiramos! Mas qual de nós, e em que posição estara essa venturosa mulher que possa amar livremente? O respeito da sociedade nos preende, os in-
teresses de família nos arrastão, os mandados dos pais nos obrigam, os motivos de conveniência nos cegam, e os males futuros nos atterrão! Maria, as leis de Deus nos mandam só amar, porém as leis da sociedade nos mandam — amar e penar, sofrer e calar, sacrificar nos altares e implorar a Deus constância na virtude, e valor para a morte! (Chora.)

Maria. — E deveis morrer para obedecer a vosso pai! E Deus quer isso?

D. Elv. — Devo obedecer a meu pai, pois nem as leis de Deus, nem aquelas da sociedade, me autorisam a faltar-lhe ao respeito, a negar-me às suas ordens, a não fazer-lhe a vontade. Devo ser esposa sem amar, e devo amar sem ter esposo! Devo aborrecer ao Marquez de Ferreira, e fingir que o amo; e devo amar a D. Rodrigo e fingir que o aborroço! Devo rir em público para o marido, e chorar em particular pelo amante! Devo ser fiel aos meus juramentos, por convicção, segundo a religião, e princípios de educação; e devo o meu coração ser infiel, por sentimento, por desejo, por ódio, e por vingança! Devo desejar e tremer, devo sentir e calar, devo ver e fugir, devo amar e odiar, devo-me casar e logo morrer!

Maria. — E quais são mais fortes — as leis da natureza ou aquelas da sociedade? E por ventura o amor respeita as ideias dos homens, as imaginações da sociedade, e às ficções do poder?

D. Elv. — A virtude respeita o dever, e isso para mim só basta.

Maria. — Vosso pai, Senhora, abusa!

D. Elv. — O que dizes, Maria! Meu pai abusa!...
pouco que elle declarou a D. Rodrigo, que eu havia de obedecer ás ordens paternas, e amar o esposo que os Ceos me destinão?

MARIA. — Tudo é verdade

D. ELV. — Então só me resta obedecer, e esperar pela morte? (Chora.)

MARIA. — E agora que tudo em Evora está fora de seus eixos, também sois obrigada a obedecer e esperar pela morte?

D. ELV. — E o que tem o meu dever, e a minha honra, com o tumulto do povo em Evora?

MARIA. — Novos tempos novas leis, e novas leis, novos usos e costumes!

D. ELV. — Maria, não deves falar n’aquillo que não entendes.

MARIA. — Tendes razão, minha Senhora, pois sempre ouvi dizer—que mulher doutora é mulher tola, e que mulher mettida á politica é na sociedade pessoa ridicula.

D. ELV. — O criado de D. Rodrigo, já trouxe a resposta da minha carta?

MARIA. — Ainda não, Senhora.

D. ELV. — (Zangada.) Logo que vier, que se retire.

MARIA. — Assim tão laconicamente?

D. ELV. — Pois que fique se quiser.

MARIA. — Também não, porque elle não é criado do Sér Conde.

D. ELV. — Despede-o promptamente.

MARIA. — E a resposta da carta?

D. ELV. — Que a torne a entregar a D. Rodrigo.

MARIA. — O contéudo na carta?

D. ELV. — (Com impaciencia.) De nada quero saber.

MARIA. — Para que haveis, minha Senhora, de perder as esperanças? Não dizem ser certo, que nas revoluções—os homens grandes devem descer para que os pequenos subãão? Que os ricos devem ficar pobres, para que os pobres fiquem ricos? Quem sabe se agora o Marquez de Ferreira tem de descer, e D. Rodrigo de subir?
D. Elv. — O tumulto do povo só hade perder a D. Rodrigo.

Maria. — Nunca tal ouvi dizer! antes pelo contrário dizem, que só se entra nas revoluções para ganhar, cada um conforme os seus desejos — ou glória, ou poder, ou influência social, ou honras, ou empregos, ou dinheiro.

D. Elv. — D. Rodrigo só tem em vista o amor da patria.

Maria. — São palavras agora da moda, mas como chegaráo á muito pouco tempo a Évora ainda não lhes sei o valor.

D. Elv. — Maria, não deves dar em tudo ouvidos ao vulgo. Em política ha ideias que são nobres em si mesmo, embora o interesse pessoal já mais d’ellas se possa separar: ha acções heroicas que podem ser crimes: ha convicções justas e generosas que podem ser erros: ha factos mais dignos de las-timar do que censurar! A alma de D. Rodrigo é muito elevada!

Maria. — E muito sublime é o interesse de D. Rodrigo, pois elle só deseja alcançar a mão da bella, virtuosa, e illustre D. Elvira!

D. Elv. — (Zangada.) E que influencia pode ter o tumulto do povo em tal pretenção?

Maria. — O tumulto de certo nada, porem se o plano for avante D. Rodrigo deve muito esperar. O Duque de Bragança lhe será devedor da Coroa, e o bade encher de honras, grandezas e riquezas.

D. Elv. — (Com impaciência.) E o que tem com isso meu pai?

Maria. — Muito, minha Senhora, pois elle para agradar ao novo rei hade procurar a honra de casar-vos com o valido!

D. Elv. — E a promessa já feita ao Marquez?

Maria. — Promessa feita sem o vosso consentimento, não tem a menor validade.

D. Elv. — (Suspirando.) Tu sonhas!

Maria. — E' um sonho que vos agrade!

D. Elv. — Maria, tu só me queres iludir com esperanças! Quando vier a resposta desejo logo recebel-a.
MARIA. — Não me ordenastes que a não recebesse?

D. ELV. — (Zangada.) Sim! é verdade! manda embora o criado.

MARIA. — E não seria bom lêr a carta?

D. ELV. — Tens razão recebe-a.

MARIA. — Então ainda ha esperanças?

D. ELV. — (Com impaciência.) Na verdade, a carta de nada serve! Não a quero ver.

MARIA. — E o que hade fazer o criado?

D. ELV. — Que a entregue a D. Rodrigo.

MARIA. — E D. Rodrigo não hade sentir?

D. ELV. — (Zangada.) Recebe a carta, e eu te espero no meu quarto. (Sahe.)

MARIA. — Os namorados nem sabem o que quem! Coitados! cuidão que os demais não conheçam os seus desejos e pensamentos! Desgraçada Senhora! (Sahe.)

Fim do primeiro acto.

---

Acto 2.º Periodo 2.º

SCENA 1.ª

Vista de bosque: ainda é escuro: — Marquez de Ferreira, e D. Julião de Munhoz conversando.

MUNHOZ. — Talvez essa carta seja falsa?

MARQUEZ. — Já vos mostrei a carta, e não ha a menor duvida. A louca paixão, que D. Rodrigo tem por D. Elvira, é a causa de todo este procedimento: ella pensa, que eu sou o culpado de lhe ter o Conde de Basto negado a mão de sua filha.

MUNHOZ. — E porque negou o Conde a filha a D. Rodrigo?

MARQUEZ. — Meu irmão é filho de uma Senhora estrangeira, e não conhecida em Evora; e que veio para casa de meu falecido pai depois de Fr. José da Conceição ter intimidade com o velho Mar-
quez, e ainda no dia de hoje se não sabe para
que veio, e qual o seu nascimento.

MUNHOZ. — Vosso pai se casou com essa Se-
nhora?

MARQUEZ. — Casou-se, e até com licença de
El-rei, mas parece que tudo foi feito por princípios
de dever.

MUNHOZ. — Então o Conde não tem razão, pois
sendo D. Rodrigo filho legítimo do Marquez de Fer-
reia é tão nobre como vós.

MARQUEZ. — Meu irmão não é dos nossos, e
pertence ao partido dos comprometidos no tumulto
do povo; e mesmo talvez seja ele o principal ca-
beça!

MUNHOZ. — Essa palavra — dos nossos — é hoje
a ordem do dia, e ella serve de pretexto para tu-
do! Meo amigo, o Conde bem sabe, que, nas re-
voluções quando os pequenos se associão com os
grandes, aquelles, como miseráveis, são as unicas
víctimas: elle bem sabe, que o ouro, as protecções,
e as posições sociais tem muito poder nas Cortes
dos reis!

MARQUEZ. — Porem meu irmão....

MUNHOZ. — Tem a protecção de Fr. José, que
o educou como filho; e Fr. José é o valido da
Duqueza de Mantua, e é o idolo do Arcebispo In-
quisidor Geral.

MARQUEZ. — D. Rodrigo não tem bens da for-
tuna!

MUNHOZ. — D. Elvira sendo filha unica não ne-
cessita de marido rico.

MARQUEZ. — O Conde não é rico, e o seu pe-
queno morgado está empenhado. O Conde conhece
que a nobreza é um nome vão, e até ridiculo, quan-
do os nobres não possuem as qualidades necessárias,
e estas não nascem com o homem mas sim com a
educação; e, meu amigo, não havendo heredita-
rias e amplas fortunas as famílias não podem con-
servar os altivos porém severos costumes, resulta-
do de uma fina educação, que é o único e verdadei-
ro ornato dos fidalgos. A nobreza sem riquezas, sem
meios, sem conhecimentos, sem virtudes, de nada
vale; e os nobres logo se confundem com o geral da plebe, pelas suas uniões, habitos, gostos e ideias.

**Munhóz.** — Tanto melhor, pois ficam os empre- gos vásios, e a carreira aberta a todos.

**Marquez.** — Não pensa assim o Conde: elle não quer ver seus netos, meros soldados de fortuna, passando lá nas conquistas o illustre appellido de Alancastre à baixa plebe.

**Munhóz.** — E D. Elvira vos ama?

**Marquez.** — D. Elvira me aborrece de morte; e ella para mim é uma simples mulher bella! Estou porém quasi velho, e necessito casar-me para que os meus bens não vão para meu irmão: escolhi a filha do Conde de Basto por ser a familia dos Alancastre tão illustre como a dos Mellos.

**Munhóz.** — Porem a falta de amor, de inclinação, e de vontade?

**Marquez.** — E' uma das regras dos fidalgos o casarem-se por mera conveniencia. Os exemplos domesticos, os preceitos da moral e da religião são, para manter entre elles a harmonia, vínculos mais fortes do que essas inclinações vulgares. Sinto rumor! ( olha para os lados ) D. Juíao, é necessário que vos retiram para dizer a filha da Conde de Basto por ser a família dos Alancastre tão illustre como a dos Mellos.

**Munhóz.** — Marquez, torno a lembrar-vos que parece mal um desafio entre dois irmãos, e um desafio de morte! O que se hade dizer? E o nome de D. Elvira....

**Marquez.** — Se não estivéssemos no estado em que estamos, talvez não aceitasse o desafio, por causa do nome de D. Elvira; mas como Evora está em anarchia, e principia a guerra civil, tudo correrá a mil maravilhas. Nada mais proprio, nada mais brilhante do que dois irmãos se baterem até à morte por opiniões políticas!

**Munhóz.** — Mas o vosso desafio não é por mot- tivos políticos!
Marquez. — Nas revoluções, meu amigo, sempre as cousas se confundem: — os interesses particulares se chamam interesses públicos, e às viúngens, e questões particulares, se dá o nome de reacções políticas, e opiniões d'estado. Se D. Rodrigo morrer, Fr. João de Vasconcellos por inimidade a Fr. José hade espalhar e provar, que meu irmão era um trahidor ao rei, e que eu fui provocado e obrigado a defender a coroa; e se eu morrer, Fr. José por amizade a meu irmão hade fazer outro tanto; de sorte que a final, o acontecimento só se hade contar entre o numero das desgraças havidas por causa do tumulto popular, e aquelle de nós que ficar vivo pôde contar com a impunidade. Porem! vem gente! retiraivos, e guardai segredo.

Munhoz. — Guardarei segredo. (Sahe.)

Entra D. Rodrigo.

D. Rod. — Marquez.... Julgo que não tardei?

Marquez. — D. Rodrigo, julgo que não falei?

D. Rod. — Por causa de D. Elvira é necessário que um de nós morra.

Marquez. — Por causa de D. Elvira não levo a minha mão ao punho da minha espada, mas por causa das injurias recebidas de D. Rodrigo eu declaro, que um de nós deve morrer. (ambo puxão pelas espadas.)

D. Rod. — Vós me roubastes uma carta de D. Elvira!

Marquez. — F' falso! Cesinando Rodrigues, juiz do povo, foi quem me deo essa carta.

D. Rod. — E renunciais a D. Elvira?

Marquez. — Juro que não.

D. Rod. — Tirar-vos-hei a vida! (Cruzão as espadas. Fr. José corre e se mette no meio dos dois.)

Fr. Jose'. — Em nome de Deos, suspendeis! (Bai-xão as espadas.)

D. Rod. — Deixai-nos, Senhor!

Marquez. — Reverendo Fr. José, eu vos rogo!....

Fr. Jose'. — Que não seja testemunha a fim de Fr. João de Vasconcellos poder provar, que D. Rodrigo foi o provocador, e o nobre Marquez obrigado a defender o rei!
MARQUEZ. — Porem!
FR. JOSE’. — Só quereis a impunidade, e por isso é necessário, que uma questão de posse da mão de uma bella Dama, indiferente ao Marquez de Ferreira, passe como questão política, e que um duello à morte se confunda entre o numero das desgraças causadas pelo tumulto do povo em Evora!
MARQUEZ. — Vós tudo ouvistes?
FR. JOSE’. — E mais alguém, eu o juro!
MARQUEZ. — A minha honra?
FR. JOSE’. — A vossa honra vos obriga á respeitar em vosso irmão as cinzas do velho Marquez de Ferreira!
D. ROD. — Retirai-vos, Sénr., as leis da honra decretam a morte, e forças humanas não ha que possão obstar....
FR. JOSE’. — A um crime!
D. ROD. — A uma justa vingança!
MARQUEZ. — Fui injuriado!
FR. JOSE’. — E não sereis injuriado quando vos chamarem fratricida?
MARQUEZ. — E que direito tendes, Senhor?....
FR. JOSE’. — Jurei a vosso muribundo pai, que havia de velar sobre a sua família: sube do vosso desafio, e venho cumprir o meu juramento! E se não me attendeis, quero morrer ás vossas mãos!...
Matai-me! (abre os braços)..... Vós D. Rodrigo, ficais livre do vosso censor; e vós, Sénr. Marquez, não tendes que temer o depoimento de Fr. José!....
D. ROD. — Heide-lhe arrancar o coração!
FR. JOSE’. — A D. Elvira?
D. ROD. — (Com impaciência.) Ao Marquez de Ferreira.
FR. JOSE’. — (Com arrebatação.) Joven louco!.... Quereis com este desafio tirar o crédito e reputação de D. Elvira? O povo fará mil comentarios, e D. Elvira ver-se-ha forçada a acabar seus dias em um convento: e vós.....
D. ROD. — Morrer em um convento! (fica pensativo.)
FR. JOSE’. — (Falta com o Marquez.) Sénr., obede-
cei á vontade de Deos, e em nome de Deos eu vos mando retirar!

**Marquez.** — Vosso nome, vossa idade tudo pó-
de! (mette a espada na bainha, e sahe.)

**D. Rod.** — (Olhando para o Marquez.) Cobarde!

**Fr. Jose'.** — (Olhando para o Marquez.) Homem virtuoso! Filho honrado! Írmão digno de estima!

**D. Rod.** — (Com arrebatação.) Triumphaste!

(Embainha a espada.)

**Fr. Jose'.** — Venceo a razão!

**D. Rod.** — E que mais quereis?

**Fr. Jose'.** — Desejo fallar-vos: — acompanhai-

me. (Sahem.)

**Entra Braz com muito medo.**

**Braz.** — E' já dia claro mas o tal bosque está esuro e feio como o diabo! (Benzese.) E de que servirá este bosque ao pé da estrada real! (Olha para os lados.) Cruzes e mais cruzes!... E eu feito tolo entre ellas sem me lembrar, que as almas desses meus senhores, que aqui recebêrão passaportes para outro mundo, podem vir sem mais nem mais pedir-me contas do meu atrevimento!... (Benzese.) E quem sabe se o S ñ r. D. Rodrigo também já fez viagem! E para que me mandou cá a Sr.ª D. Elvira!... (De vagar.) S ñ r. D. Rodrigo?... S ñ r. D. Rodrigo?... Meu amo?... Qual!... (Fica pen-
sativo.) Foi alguma historia que contarão a Sr.ª D. Elvira.... Como era possível um desafio entre dois irmãos, e desafio á morte!.... Ora seria bonito dois irmãos,— traz!.... traz!.... traz!.... — (Batendo com o pé, e fingindo jogar a espada.) Morrêrão! Bravo! bravo!... (Entra Fr. João de Vasconcellos, e chegando por detrás de Braz lhe bate no hombro, quando elle diz o ultimo bravo. Braz cahe com susto de-bruços, e tremendo diz.)

**Braz.** — Almas do outro mundo— fugité!

Em nome de Deos — fugité!....

**Fr. Joao.** — Braz?

**Braz.** — Alma de meu amo— fugité! Por comp-

aião!.... Em nome da Sr.ª D. Elvira deixai-me!

Fugité! e descansai em paz!

**Fr. Joao.** — Estás louco?
Braz. — Não estou louco, não S.ª! Sei muito o que faço! Quero cá ficar n’este mundo, e Vm. se divirta por lá....
Fr. João. — Um servo de Deus te chama?
Braz. — Elle falla em Deus!.... Então vem em graça de Nosso Senhor!.... (Levantu-se fingindo que acorda.) O que me quer vossa Reverendissima?
Fr. João. — Onde está D. Rodrigo?
Braz. — Senhor!.... Senhor!.... (Levantu-se fingindo que acorda.) O que me quer vossa Reverendissima?
Fr. João. — Onde está teu amo?
Braz. — Não sei, meu Senhor.
Fr. João. — Não viste algum passageiro na estrada real?
Braz. — Não, Senhor.
Fr. João. — Não encontraste alguns soldados?
Braz. — Não encontrei viva alma!
Fr. João. — Então, sabeis alguma novidade? O que se diz lá por entre o povo? Vieste vêr a alguém?
Braz. — Vim só tomar a fresca!
Fr. João. — E só isso te trouxe a este bosque?
Braz. — Também foi!.... foi! (Cecando a cabeça.) sim foi!....
Fr. João. — (Com interesse bate no hombro de Braz.) Falla meu filho!.... Falla, não tenhas receio! Fr. João de Vasconcellos, como homem sabe agradecer, e como ministro de Deus sabe guardar segredo.
Braz. — (A parte.) E que tal! O homem mais soberbo de Evora, me chama seu filho!
Fr. João. — (Com muito bom modo.) Eu recebo a tua declaração como em confissão; — supo que estás aos pés de Deus. Conta-me tudo!
Braz. — (Cecando-se.) Tenho tanto medo!.... Ah! eu morro de vergonha!
Fr. João. — (Com impacientiça.) De que tens medo? Medo de quem? Não sou eu o valido do Conde Duque? Meu filho, conta com a minha protecção, com a minha bolsa, e com todos os meus amigos. 6
Braz. — (Aparte.) Que finura!.... Que labia!...
Fr. João. — Dize-me, — já o sabem? Quem foi aquelle que descobriu o segredo? Que planos de Fr. José da Conceição?
Braz. — (Aparte.) Agora percebi a razão da amizade do tal sautinho!
Fr. João. — Não deves ter vergonha de mim, pois eu tenho ouvido pecados e planos de reis, rainhas, duques, duquesas, fidalgos, e plebeos!
Braz. — Também de plebeos?....
Fr. João. — Também! Todos nós somos filhos da Igreja de Jesus Christo (Braz abaixa a cabeça); e iguaes perante os nossos Confessores. Meu amigo, tu não estás diante de Fr. João de Vasconcellos, porém sim perante um ministro do altar e do throno!
Braz. — (Aparte.) Até me chama seu amigo! Que espião tão esperto! Que malvado frade domínico!
Fr. João. — E' já tarde e eu devo recolher-me!.... Conta-me!
Braz. — (Espantado olha para o lado direito do hospede.) Elles ahi vem!.... Elles ahi vem, Sr. Fr. João!.... Fuja! Fuja!.... se não quer morrer! (Sahe fugindo pelo lado esquerdo, e Fr. João se esconde detraz de uma arvore.)
Entrão o Juiz e o Escrivão do povo, e povo armado.
Juiz. — Viemos de balde; o tal Fr. João de Vasconcellos nem estava na estrada, nem está no bosque!
Escr. — Sou capaz de jurar que elle veio para este lado! Veio bem de madrugada!
Juiz. — Talvez tudo seja falso! Como se pôde acreditar, que elle espere hoje tropas de Badajoz, e que tivesse a imprudencia de as vir esperar?
Escr. — E' verdade, e mais que verdade!.... E dize-me, Sr. Juiz, qual é a vossa ultima respostta — devem ou não morrer?
Juiz. — Fr. José da Conceição, e D. Rodrigo porque?
Escr. — Fr. José, porque não toma a peito a nossa causa; elle todos os días nos diz as mesmas cousas — “meus filhos paz e prudencia e eu alcun
carlei tudo de El-rei.,—e nós havemos de ser savos com taes palavras?

Júiz. — Elas também não nos fazem mal; e Fr. José é um religioso homrado e virtuoso.

Escr. — Assim é, e disso estou convencido; po rem é necessário dar um exemplo aos indifírentes! Quem não é por nós, é contra nós! Nada de meios termos.

Júiz. — Tendes razão.

Escr. — Em quanto a D. Rodrigo, elle é fidal go, e não obstante estar compromettido, e nos ter muito servido, sempre é dos nobres, e mais hoje ou mais amanhá hade ter vergonha da sucia dos plebeos, e nos hade trahir. Nada de misturas de saugue!

Júiz. — Approvo as vossas medidas de salvação.


Fr. João. — E que tal! que boa vontade me tem os Sírs. do povo!... miseráveis! hoje mesmo hade cahir o vosso poder! Hoje mesmo Evora hade tremer, e cubrir-se de lúcto!... Porem, meu Deos, para que fui concorrer para tantas desgraçás! (Fica pensativo).... Para que tantos crimes! Tantás vitrmas!... Só para agradar ao Conde Duque, só pela ambição de um Bispado tenho lançado minha alma no inferno, e a patria em um abysmo! Honra, parentes, e amigos, tudo, tudo, sacrificuei! E o que me resta!.... A morte, a morte! (Leva a mão a testa e fica pesaroso.)

Entra D. Julião de Munhóz.

MUNHÓZ. — O que é isso amigo?... Vós pensativo!

Fr. João. — O Sír. seja com-vosco.

MUNHÓZ. — Amen! Porem o que é que tendes?

Fr. João. — Estou resolvido a largar a política; recolher-me ao meu convento, e despresar as intrigas do mundo.

MUNHÓZ. — (A parte.) Malvado! nem ao menos
sabe ser criminoso! Os remorsos todos os dias lhe raçam a alma!

Fr. João. — Quero só tratar da salvação da minha alma.

Munhôz. — (Dú uma grande risada.) Bravo! Bravo, meu penitente! Hoje, que deve chegar o novo Corregedor e a tropa de Badajoz, é que vos arrependeis das vossas intrigas!

Fr. João. — Dizei — dos nossos crimes!

Munhôz. — Até quando hede durar o vosso arrependimento?

Fr. João. — Espero que Deus me hede ajudar...

Munhôz. — A renunciar o Bispo! E que bom Bispo!

Fr. João. — (Com dôr.) O Bispo!... E devo morrer simples frade!... sem valimento!... sem glória!... Devo perder por causa dos remorsos a minha carreira!... perder o fruto de tantas baixezas, astúcias, despezas e tempo!... Ah! quanto custa a ser aulico!

Munhôz. — E assim desprezais a amisade do Conde Duque?

Fr. João. — Não sou digno d'ella. (A parte com muito sentimento.) Oh! quanto custa a agradar aos Grandes! Que tormentos se não sofre na Côrte para se poder gozar de um estudado riso de El-rei!

Munhôz. — E não quereis mais as mercês de El-rei?

Fr. João. — São venenosas moedas com que Filipe 4. compra os homens honrados! Taes mercês destroem as consciências dos homens justos; regelão os corações sensíveis; tirão a vida ao pudor; e embrutecem a razão!

Munhôz. — E os vossos amigos da Côrte?

Fr. João. — Amigos da Côrte!... São na prosperidade sagazes aduladores, e na adversidade cruéis e perigosos inimigos!

Munhôz. — Meu amigo, os remorsos vos fallão tarde, e agora já não tendes outro remédio se não continuar com a política do ministro d'estado.

Fr. João. — Nunca é tarde quando se trata da vida futura!
MUNHOZ. — Nada de imposturas, Sr. Fr. João, pois bem sabe que eu o conheço!

FR. JOÃO. — Não approvo os meios de que tem lançado mão a Corte de Madrid!

MUNHOZ. — A política olha aos fins e não aos meios: todos os meios são justos uma vez que sejam necessários para se realizarem os altos planos de El-rei!

FR. JOÃO. — (Pensativo.)... Tendes razão D. Julião!

MUNHOZ. — (Aparte.) Já lá se foram os remorosos! Está outra vez o monstro no seu elemento!

FR. JOÃO. — Um vassallo, como eu, deve cumprir as ordens do soberano sem reparar na justiça d'ellas, quanto mais que...

MUNHOZ. — Ellas são justas e santas!

FR. JOÃO. — Na minha consciência!

MUNHOZ. — Sim, a vossa consciência já se não deve de ter dado denuncias, de ter mandado buscar tropa, e de ter armado a traição para prender esta noite a todos os nobres!

FR. JOÃO. — Não ofende a Deus quando cumpro as ordens do monarca!

MUNHOZ. — E mesmo Deus quer que os bens dos fidalgos vão para o patrimônio de El-rei!

FR. JOÃO. — Sao rebeldes, e a lei lhes manda confiscar os bens!

MUNHOZ. — A lei requer provas, e sem elhas taes confiscos são roubos jurídicos!

FR. JOÃO. — Sois também trahidor?

MUNHOZ. — Sou trahidor á patria, e á vós eu devo estar mettido no caminho do crime, e ter debaixo dos pés um abismo!

FR. JOÃO. — (Com desesperaçao.) A' mim deveis as vossas riquezas, honras, e mercês!

MUNHOZ. — Agora vos respondo com a vossa doutrina: — riquezas da Corte de Madrid troca vil do ouro pela honra: mercês de Filipe 4.º paga recebida por adulações, baixezas e crimes! Eis as honras da Corte! Eis a minha fortuna como corteza! Eis a minha triste posição alcançada pelo vosso nome e protecção!
Fr. Joaö. — Ouro sempre é ouro, e as honras sempre são honras!

Munhoz. — O ouro sempre é ouro, venha ele como vier, isto porem só aos olhos de almas perversas e já perdidas como as nossas! As honras sempre são honras embora só denotem vilezas e atrocidades, mas taes honras só tem valor na Córte, nos salões dos cortezaos, nos covis das aulicas repartições, e nos lupanares dos favoritos do rei e do seu ministro!

Fr. Joaö. — Eu vos aborreço! (Sahe.)

Munhoz. — Esse é sempre o fim dos malvados, quando se convencionao para cometter crimes! (Sahe.)

Entra Cesinando Rodrigues, Juiz do Povo.

Juiz. — Graças a Deos que me pude escapar do esturrado Joao Barradas! Tudo está perdido!! E' aquelle louco quer que eu com o povo mal armado e sem a menor disciplina me opponha a entrada da tropa do rei! Que loucura! Que temeridade! Em tal nao me metto! Sei de todos os caminhos, e em quanto os soldados vem pela estrada real, eu procurarei a vida e a liberdade pelos atalhos. Muito bom é ter amigos até no inferno! Se não fosse o aviso que me fez o correio de El-rei hoje eu cahia na rede como um toleirao! Viva eu, e viva mais quem podê!... Que mania! gritar viva a liberdade, e logo juntamente — viva D. João! Seja rei o Filipe, ou o João, ou o diabo! Despotas por desposta seja este ou aquelle, pois os homens se mudão mas não se mudão os vicios, as manhas, e os abusos dos governos! O que me vale é, que nao tenho mulher nem filhos, e pelo meu officio em toda a parte heide viver. (Sahe, pelo lado oposto por onde sahio D. Julião de Munhoz, e pelo bastidor do meio, para não se encontrar com os soldados.)

Torna a entrar D. Julião de Munhoz, e o Corregedor Diogo Salema com vestidos de viagem.

Cor. — Fui bem feliz em encontrar-vos.

Munhoz. — A vossa esperia estava; e só sinto o estar alguma cousa retirado da estrada!
Cor. — Não, D. Julião, eu tinha mesmo que largar o cavalo, e apartar-me dos criados e comitiva para falar n'este bosque a Fr. João de Vassconcellos; e a propósito como está elle?

Munhox. — Gosa saúde.

Cor. — Estou admirado em o não ver!

Munhox. — Elle vos esperou, e como já era tarde, se recolheu á cidade.

Cor. — Na verdade faltei a hora dada; mas a marcha dos soldados é tão vagarosa, que me obrigou a sahir mais tarde.

Munhox. — E a vossa saúde?

Cor. — Boa, boa, graças a Deos. E que novidades ha pela Cidade?

Munhox. — Tudo está sosegado: o povo com as novas da vossa chegada já perdeu todo o entusiasmo; e o Juiz e o seu sequito logo que vos vir hafe fazer outro tanto.

Cor. — Então não ha perigo?

Munhox. — Nenhum, Senhor.

Cor. — E os nobres?

Munhox. — Os nobres nunca tomarão parte activa no tumulto excepto alguns jovens.

Cor. — Outras erão as novidades que corrião na Côrte, e outras são as ordens de El-rei.

Munhox. — O Duque de Bragança errou em mandar principiar a revolução em Évora; cidade onde os habitantes quasi todos tema perder, ou uma eira, ou uma beira.

Cor. — Muito estimo, muito estimo, que não haja resistencia.

Munhox. — (Admirado olha para os lados.) Sinto rumor!....

Cor. — Não é nada; são os soldados que largarão a estrada para não serem vistos da Cidade, e seguem por este bosque. D. Julião, deveis-me esperar na casa de minha residencia; quero vos mostrar algumas ordens, e pedir-vos informações. Vamos. (Sahem.)

No fundo do theatro principião a passar os soldados; adiante vem os clarins e depois os soldados em marcha de viagem; todos no maior silencio possível.
numero será aquelle que o teatro poder pôr em Scena, com tanto que a mutação da Scena se faça ainda passando os Soldados.

**SCENA 2.ª**

*Cella do Fr. José*, o n'ella deve existir uma mesa e duas cadeiras. — *Entrão Fr. José e D. Rodrigo. D. Rodrigo tira o chapéu e o poem sobre a mesa.*

**D. Rod.** — E podeis sofrer o seu orgulho?

**Fr. José** — E o que tenho eu com o orgulho de Fr. João!

**D. Rod.** — Elle por suas maneiras....

**Fr. José** — São as maneiras de todos os ricos e poderosos — todos elles olhão aos mais como servos, ou como entes nulos!

**D. Rod.** — E um soberbo! Um vil valido do Conde Duque!

**Fr. José** — E de que vos admiraes! Não vedes a qualquer homem do povo logo que tem a protecção de uma anhoridade, logo que se julga agente, ou pessoa intermedia do poder, tornar-se soberbo e orgulhoso; aborrecivel para com os seus, e desprezivel para com os homens sensatos!

**D. Rod.** — (Com calor.) Pelo menos espero de vós, que na Junta haveis de defender o povo, e oppôrvos aos laços que nos quer armar a Côrte de Madrid.

**Fr. José** — Não heide faltar aos meus deveres!

**D. Rod.** — (Com impacienctia.) Um coração que nunca sentio o fogo das paixões não se pode animar com os negocios alheios!

**Fr. José** — Um coração, á quem a idade e os trabalhos ensináráo á tremer das paixões, não se pode illudir com as paixões dos outros!

**D. Rod.** — (Em cólera.) O extrangeiro Fr. José bem se importa com a liberdade dos portuguezes! Para elle o seu convento é o seu mundo, a sua cela é a sua cidade, e Roma é a sua patria!

**Fr. José** — (Com muita tranquilidade.) Um coração cheio do fogo das paixões, devorado pelo ciu-
me, se anima de mais pelos negocios publicos, dos quaes julga tirar interesse! Evora, Portugal, e portuguezes tudo é nada, uma vez que a louca illusao de amor exija guerra, anarchia, roubos, mortes, montoes de cadaveres para sobre elles D. Rodrigo subir e poder possuir, ainda que seja por um só dia, o objecto amado! Sua amada é o seu deos, o seu amor é o seu mundo, e a sua patria!.. Ah! talvez o mesquinho espacio de uma sepultura!... Po- rem infamado ou nao infamado sempre baixará ao jazigo triumante por ter possuido o objecto da sua louca paixao; e embora maldito de Deos e dos homens por ter transtornado a paz de um povo, sempre se dirá — ah jaz D. Rodrigo o Chefe do tu- mulo de Evora!

D. Rod. — (Em colera.) E que arrancou a mascara de Fr. Jose!

Fr. Jose' — (Muito em paz.) Que assassinou a esse seu segundo pai! A esse velho que tem sido louco por elle! Que por elle tem exposto sua cabeçao cadafalso!! Que tem perdido dias e noites, e por toda a parte, qual sombra de D. Rodrigo, o tem acompanhado e só com o fim de o proteger e defender!... (Limpa as lagrimas.)

D. Rod. — (Com violencia.) Fr. Jose!.. Fr. Jose!.. vossas palavras me matao!.. Eu enlouque-ço! (Chora.)

Fr. Jose' — (Com muita ternura.) O amor en- louquece a D. Rodrigo, e o faz parecer um mons- tro, mas seu nobre coração, qual farol de salvacao, o guia em suas paixoes, e lhe faz sentir o dever! Meu filho!.. essas lagrimas consolarao ao meu aflil- cto coração!.. Encherao de prazer ao velho ce- nobita!... (Abre os braços e D. Rodrigo se lansa n'elles, e depois de alguma pausa se separa.) Vos- sas lagrimas são uma viva prova de que vossa al- ma possue todas as virtudes de vossos avós!.. Mi- nha razao aguilhoadapordesgostos sobre desgostos, ingratiidades sobre ingratiidades, e que só me ensinou a fugir e a aborrecer ao mundo e aos homens, agora me obriga a amar ao mundo e aos homens só por vossa causa!
D. Rod. — (Com muita vivacidade.) aborrecestes ao mundo, e aos homens!...
Fr. Jose’ — (Animado.) Sim D. Rodrigo!.. Foi o odio ao mundo que me arrancou meus votos!.. Foi o aborrecimento dos homens que me conduziu ao claustro!... Nasceu em Italia de pais nobres, e muito jovem principiei a carreira da magistratura; e desde logo comecei pela pratica á conhecer o mundo e os homens! Desde essa época só tenho conhecido na terra um circulo de ferro, sobre o qual caminhão as sociedades ligadas ao vil interesse; e só tenho descoberto na humanidade propensões para os crimes, e para a baixa ingratidão!.. Fui juiz honrado, e em uma villa dividida em dois partidos sociais, e politicos, segui uma justa neutralidade, e consegui conter as paixões da plebe excitada pelos mesmos partidos, sem que os duros gonzos das prizões raingessem para receber desgraçados. (Batem à porta.)
D. Rod. — Continuai Snr.!... muito desejo ouvir a historia da vossa vida.
Fr. Jose’ — Neutralizei as severas ordens de um ministerio moribundo, que queria viver pela força do terror, ou levar seus inimigos consigo á sepultura; e sem faltar aos meus juramentos ouvi os gritos da humanidade, e fiz com que um povo gozasse de paz no meio das tormentas de uma guerra civil! (Batem a porta com muita força.) Ide ver quem é. (para D. Rodrigo; este vai abrir a porta, e entrão os Condes de Basto, e Vimioso: tirão os chapeos.)
Conde de Basto. — (Beijando o cordão de Fr. Jose.)
O Snr. seja com vosco!
Conde de Vimioso. — (Beijando a manga do habito de Fr. Jose.) Deos proteja vossos dias!
Fr. Jose’ — Nobres Condes, sejaes bem vindos na paz do Salvador do mundo! (Todos abaixão a cabeça.)
Conde de Vim. — (Com calor.) E’ necessário salvarmos Evora, e as nossas vidas!
Fr. Jose’ — Salvar vossas vidas!!
Conde de Basto. — Fr. Joao de Vasconcellos, jurou a nossa ruina!
D. Rod. — (Com muito calor.) Fr. João muito ha que devia ter morrido!

Conde de Basto. — N’estes trinta dias em que Fr. João, recolhido à casa de D. Alvaro de Narvaez, guarda o silêncio da morte, muito se tem tramado contra Portugal, contra Évora, e contra nós!

D. Rod. — (Com entusiasmo.) N’estes trinta dias se devia ter fortificado Évora, armado bem o povo, e proclamado aos portugueses a sua liberdade!

Conde de Vim. — Fr. João no dia em que foi expulso da casa do nobre Conde (aponta para o Conde de Basto) mandou um proprio para a Corte de Madrid. Hontem recebeo um Correio de El-rei, e este, à peso de coura, declara, que foi primeiro à Badajoz, também com ordens de El-rei, e que as tropas reaes, e o novo Corregedor Diogo Fernandes Salema, estão em caminho para Évora!

D. Rod. — (Com muito entusiasmo.) A’s armas, Súrs.!. Nada de demoras. Salvar a patria ou morrer por ella!

Conde de Vim. — Hoje de madrugada Fr. João sahiu da cidade, e foi para o bosque junto á estrada real; e logo depois para lá também seguiu D. Julião de Munhoz.

D. Rod. — Também para lá foi esse espião! Estese trahidor!

Conde de Vim. — Na casa em que se fez a aposta- sentadoria para o Corregedor se fazem com muito segredo preparos para a chegada d’alguem!

Fr. Jose'. — (Para o Conde de Bastos.) Não foi para esta noite, que Fr. João pediu a reunião da Junta dos Nobres?

Conde de Basto. — Para esta noite às nove horas.

D. Rod. — Traição!.. Vil traição!.. reunir para serem todos os nobres presos, e sem estrondo?

Conde de Vim. — Traição! Traição!

Conde de Basto. — Tendes razão!.. Devemos reunir a Junta agora mesmo, e n’este mesmo lugar!

Fr. Jose'. — E para que reunir a Junta? Que bens pôde ella fazer?
D. Rod. — (Com muito calor.) Animar o povo, acclamar a D. João Duque de Bragança por nosso rei, e formar o plano de guerra!
Fr. Jose'. — E comprometer mais gente do que está comprometida!
Conde de Vim. — E o Duque de Bragança quererá aceitar a nomeação de ser nosso rei?
Fr. Jose'. — Nem em tal devemos falar! Nas circunstâncias em que estamos, acclamar a D. João será cavar-lhe a sua completa ruína, e só servirá para darmos esse prazer à Corte de Madrid!

D. Rod. — (Bruscamente.) Sr. vós como estrangeiro!
Fr. Jose'. — Penso com mais prudência do que vós!

Conde de Basto. — Fr. José, fallaes com sabedoria e acerto. Acclamar agora ao Duque de Bragança seria leval-o ao cadafalso, sem a menor conveniência!
Fr. Jose'. — E uma reunião da Junta n'este convento causaria suspeitas!

D. Rod. — Contra vós!
Fr. Jose'. — Contra mim; mas suspeitas que só serão finestas a vós, e aos mais membros da Junta! (Tocão ao longe clarins.)
Todos. — Clarins!!! (Continuão a tocar.)
D. Rod. — (Escutando com atenção.) A tropa cerca a cidade!

Fr. Jose'. — Onde está o povo de Evora? O que faz?

Conde de Vim. — O povo soube, não sei como, das noticias que deo o correio de El-rei; e cada um se recolheu a sua casa! As ruas estão desertas, as casas fechadas, e só na praça publica se vê grupos da canailha, mostrando nos rostos o ardente desejo de carnificina e de pilhagem!

D. Rod. — (Com furia.) Os nobres abandonarão ao povo; os nobres perderão a causa da patria! Forão traidores, e são criminosos, e responsaveis perante Deos!.... O povo foi cobardeamente sacrificado! (O povo grita — viva El-rei nosso Senhor, viva o novo Corregedor.)
TODOS. — (Com espanto.) Que gritos são estes!

CONDE DE VIM. — (Vai escutar na janella. O povo grita — viva o novo Corregedor.) O novo Corregedor está na cidade!

D. ROD. — As armas! As armas! (Vai para a porta mas Fr. José lhe toma o passo, e fecha a porta, e tira a chave.)

FR. JOSE'. — Joven imprudente, que quereis perder a todos! (Tocão os clarins muito perto.)

TODOS. — (Muito assustados.) Entra a tropa na Cidade!

D. ROD. — (Com zombaria.) E os nobres cavaleiros de Evora se hão de deixar amarrar como cordeiros!

CONDE DE BASTO. — Vós pintaes tudo com tristes cöres, e talvez!...

D. ROD. — Talvez só D. Rodrigo seja a victima!

FR. JOSE'. — Deos tem mais poder do que os tyrannos!

D. ROD. — (Com zombaria.) Nas crises os poltroses só sabem chamar por Deos!

FR. JOSE'. — (Muito à sangue frio.) Nas crises os homens velhos e prudentes chamão à Deos, e sabem melhor que os loucos mancebos governar os negocios seus, e alheios! Sabem arrancar da mão do alguz as victimas do poder!

CONDE DE BASTO. — Tudo está perdido! Vamos para as nossas casas.

FR. JOSE'. — (Com impaciencia.) Não deves sahir do convento. (O povo grita — viva Filipe 4.º! — viva El-rei!)

CONDE DE VIM. — Eis que o soberano povo realista principia a reinar em Evora! (Batem á porta com força.)

CONDE DE BASTO. — Quem será!

CONDE DE VIM. — Alguns desgraçados que procurar asylo!

D. ROD. — (Com zombaria.) Alguns nobres que procuram a Junta, e os conselhos d'ella! (Tornão a bater. Fr. José vai abrir a porta. Entra D. Julião de Munhoz disfarçado com uma capa e grande chapeo do povo. D. Julião tira o chapeo, e abre a capa para...
ser conhecido. Os dous Condes e D. Rodrigo, todos ao mesmo tempo puxam pelas espadas, e as apontam ao peito de D. Julião.)

Todos. — Um espiao!... Um Trahidor!...
FR. JOSE'. — (Com impaciência.) O que fazeis, Sãs!... Todos. — Deve morrer!
FR. JOSE'. — Um assassinato!... Um crime!... Um sacrilegio!...

CONDE DE BAST. — E o que devemos fazer?
CONDE DE VIM. —
FR. JOSE'. — Ouvir a D. Julião. (Os dous Con­
des embainham as espadas, e ao depois o mesmo faz D. Rodrigo. N’esta occasião entra Braz embuçado em capa do povo, sem ser visto excepto de D. Rodrigo, a quem elle mostra uma carta. D. Rodrigo pega no chapeo vai para o fundo do theatro, recebe e lê a car­
ta. Braz dá a D. Rodrigo a capa e um chapeo que traz debaixo do braço, recebe o chapeo de D. Rodrig­
o e ambos sahem sem serem vistos.)

CONDE DE BAST. — O que quereis, D. Julião?
MUNHOZ. — Quero salvar-vos, e a D. Rodrigo!
Todos. — Vós!!
MUNHOZ. — Sim!... eu!
CONDE DE VIM. — Vós que estaes vendido à cór­
te de Madrid!

MUNHOZ. — Por isso mesmo! E’ a marcha das revoluções politicas. N’estas occasiões os irmaos ju­
rão contra irmãos, os amigos denuncia o os amigos, e os socios do partido se perseguem reciprocamen­
te! Em compensação os espions sentem remores, ouvem o grito da humanidade, e tralão de salvar a quantos podem.

Todos. — Nova trahição!!
MUNHOZ. — Trahição para que?... Contra quem?
Todos. — Contra nós!
MUNHOZ. — Contra vós!!... Venho correndo de casa do Corregedor, elle me mostrou uma ordem assignada por El-rei contra vós D. Francisco (falla com o Conde de Basto). Hoje, á todo o custo, de­
veis ser preso, e vossos bens devem ser confisca-
dos! (O Conde fica aterrado.) E vós D. Rodrigo!
(Procura com a vista a D. Rodrigo.)
Todos. — Ausentou-se!!
Fr. José'. — (Aterrado) Deos tudo poderoso
tende compaixão d’elle, e de mim!
Conde de Vim. — (Para D. Julião.) E D. Rodrigo?
Munhoz. — El-rei determina, que quanto antes
seja sua cabeça remettida para Madrid!
Fr. José'. — Tudo está acabado! (Cahe desmaia-
do sobre uma cadeira; e todos o socorrem.)
Munhoz. — Fr. José! Contra vós não ha nada.
Tendes a protecção da Regente, e do Arcebispo
Inquisidor Geral; e o vosso inimigo não pode tri-
umphar!
Conde de Bast. — (Para D. Julião.) Ele só
sente a sorte de D. Rodrigo! (Fr. José torna á si,
e se levanta.)
Munhoz. — Animo, Fr. José!!
Fr. José'. — E que mais ordens ha?
Munhoz. — Contra Cesinando Rodrigues, Juiz
do povo, e contra João Barradas, seu Escrivão;
porem o primeiro já fugio, e o segundo está em
casa do Corregedor, livre e solto, dando denuncias!
Todos. — Denuncias!!
Munhoz. — Sim denuncias! Já se passarão or-
dens de prisão; os do povo devem ir para a cadêa,
e os nobres para as prisões da Inquisição, como mais
seguras, ou mais honradas!
Conde de Vim. — E contra mim?
Munhoz. — Não ha nada; mas como se vai
abrir a devassa só Deos sabe quem poderá escapar.
Conde de Bast. — Devo ir ao meu palacio sal-
var a D. Elvira.
Munhoz. — Não deveis sahir d’esta casa! A
justiça não se hade lembrar de violar o asylo do
convento.
Conde de Bast. — (Com impaciencia.) E a mi-
inha Elvira!! A minha querida filha!!
Fr. José'. — Ninguem a hade offender!
Conde de Bast. — (Como louco.) Abandonar mi-
inha filha!!... Deixal-a entregue á miséria e ao aca-
so!... Deixar em perigo seu crédito!... Sem lhe dar conselhos! O que fará o Marquez de Ferreira!...
E D. Rodrigo!... (Fica pensativo.) Desgraças sobre desgraças!... (Leva o lenço aos olhos.)

Munhoz. — Não deveis sucumbir, nobre Conde!
Conde de Bast. — Não é o Conde de Basto que chora, mas o pai de D. Elvira! Não é um Alancastre que treme, mas um homem que desespera à vista do triste futuro de uma querida filha! Quando fallão as leis da natureza, se calão todas as de mais filhas da vaidade, e quimeras da sociedade! Devo salvar a filha ou morrer! (Quer sahir e Fr. José lhe toma o passo.)

Fr. Jose'. — Ficaes perdido, e não salvaes a vossa filha!
Conde de Bast. — Não devo ficar, e quero sahir!
Fr. Jose'. — Ficaes perdido, e não salvaes a vossa filha!
Conde de Bast. — Morrerei contente sem remorsos, sem responsabilidade!
Conde de Vim. — Pelo menos tomei um disfarce!
Munhoz. — Aqui o tendes. (Tira a capa e a dá ao Conde de Basto, e troça o chapeo: o Conde depois de pôr a capa, e o chapeo na cabeça, quer sahir.)
Fr. Jose'. — Não devo sahir pela portaria; segui-me, eu vos conduzo... (Sahem.)
Munhoz. — Desditoso pai!!
Conde de Vim. — Homem virtuoso!
Munhoz. — E vós, Sôr. Conde, o que pretendeis fazer?
Conde de Vim. — De nada receio, e vou para a minha casa.
Munhoz. — Parece-me que não fazeis bem!
Conde de Vim. — Não tenho inimigos!
Munhoz. — Não vos faço essa injúria. O homem que não tem inimigos é só aquelle, que não tem uma boa qualidade, que os outros invejem, ou não tem uma posição social, que os outros dezejem.
Conde de Vim. — Tenho a protecção das leis!
Munhoz. — Nas revoluções políticas, quando o poder de Castella triumpha, as leis são suspensas.
e só tem vigor aquellas, que servem para fazer mal!

Conde de Vim. — Estou inocente!

Munhoz. — E de que vos pôde va'ar a innocência? A corte de Madrid conhece que o tumulto do povo em Évora nada vale, mas ella também conhece que elle, e aquelles outros do Algarve são symptomas, são os preparos de uma grande revolução politica em Portugal. A corte muito bem sabe, que todo o Portugal está minado com a ideia da restauração, e aclamação da casa de Bragança; e por isso necessita destruir o partido politico nacional que quer a libertade; e quando ha tal plano, não se olha para a inocencia ou provas! Olha-se para as pessoas, para os interesses, e para o projectado fim! N'estas occasioens, as razões de estado são razões de direito, as conjecturas de conveniencia são principios de justiça, e os depoimentos que se mandão escrever são as provas!

Conde de Vim. — E o que posso eu fazer?

Munhoz. — Vinde commigo; e as provas de amizade que eu vos der em publico, vos hão de ser utéis.

Conde de Vim. — (À parte.) Desgraçada humanidade!... Nas revoluções até o crime protege a virtude. (Sahem.)

SCENA 3.

Sala do palacio do Conde de Basto. — E ntra D. Rodrigo com o disfarce com que saiu da cela de Fr. José, e sem espada.

D. Rod. — Tudo está perdido!... E o que devo eu fazer?... Fugir!... (ficu pensativo) E D. Elvira?... nos braços de meu irmão!... O ciúme; (com desesperação) o inferno me devora!... Ceder pacificamente ao meu rival a posse do objecto amado!... Ceder—lhe D. Elvira!... Nunca!... isso nunca!... (Deita no chão, no fundo do theatro, a capa e o chapéu.) Morra o Marquez de Ferreira; seja lançada sua alma nos abysmos onde sofra tantos tormentos quantos eu sofrí!... E serei fratricida?!!... E porque não!... Não me quer meu irmão tirar a
vida, roubando-me D. Elvira! O sangue pede sangue — morra o Marquez de Ferreira!... (fica pensativo) E D. Elvira quererá receber uma mão tinta em sangue?... quererá a seu lado um assassino?... Matar a meu irmão!... E a maldição de Deos e dos homens!... Nem tanto!... Mas sem a sua morte eu não tenho segurança?... Oh! meu Deos! por piedade (levanta as mãos para o Céo) guia-me!... Que terrível luta entre a razão e o coração; entre o dever e o interesse!... Amor, honra, ciume, humanidade, Deos, e o inferno!... Que ideias, que contradicções; que tormentos!... Fugir, e consentir que D. Elvira seja esposa do Marquez de Ferreira?... (Com raiva) Os remorsos não podem tanto!... Amor hade triumphar! o Marquez hade morrer! e D. Elvira hade ser minha!... Ser minha!... Como? E o cadafalso?... (pensativo) E de que servirá o sangue de meu irmão?... (Com furor) Devo fugir, mas fugir com ella!... Ella será minha queirão ou não queirão os homens, seja ou não seja do agrado da Providencia!!.

Entra D. Elvira e Maria.

D. Elv.—(Para Maria) Retira-te (Maria sahe) Perdoae, D. Rodrigo, o ter-vos mandado chamar; era porem urgente ver-vos ainda uma vez; e quem sabe se a ultima vez!... (Chora.)

D. Rod.—(Com ternura) D. Elvira, meu bem amado!.

D. Elv.—D. Rodrigo, é necessário, já que os Ceos assim o querem, que mudeis de linguagem!

D. Rod.—(Com espanto) Que mudança é a vossa? (O povo grita — viva El-rei nosso Senhor — morrer os seus inimigos!)

D. Elv.—Não estaes ouvindo? O que é aquillo?

D. Rod.—E' o povo ingrato, que corre para a sua ruina! E' o povo inconstante, que applaude a escravidão!

D. Elv.—Não é só isso — E' o povo que cava o abysmo onde vós, e eu, devemos ser lançados!

D. Rod.—(Admirado.) Abysmo! lançados! porque?

D. Elv.—Vosso irmão gosa de toda a protec-
ção de Fr. João de Vasconcellos; e meu pai para
lhe fazer a vontade determinou, que no fim d'estes
tres dias se effectuasse o nosso casamento! (Limpas
os olhos) Mandei-vos chamar para vos dar o ultimo
adeos! (Chora.) Para vos declarar, que a desposa-
da do Marquez de Ferreira, não pôde ser mais a
amante de D. Rodrigo!

D. Rod. — (Em colera.) A amante de D. Ro-
drigo, a sua bela e adorada D. Elvira, nunca ha
der ser a esposa do Marquez de Ferreira!

D. Elv. — Por estes tres dias a vítima hade
ser levada aos altares!

D. Rod. — (Com fúrora.) Não hade ser!... Eu
o juro! (Com ternura) D. Elvira hade ser minha
consorte!

D. Elv. — Talvez! — mas lá na vida eterna!
(Aponta para o Ceu.) D. Rodrigo, nada de illusões,
—tudo está perdido!... (Fica abismada em pranto.)

D. Elvira se deve sacrificar, deve casar com o Mar-
que de Ferreira, deve morrer, para salvar não só
o amado pai, mas também ao querido amante! Fu-
gi! Fugi, D. Rodrigo!... Vosso nome anda na boca
do povo, e talvez o sacrifício, a morte de D. El-
vira, não seja bastante para aplacar aos vossos iní-
nigos! Desconfia de vossos irmãos, e tremei de Fr.
João de Vasconcellos! Ah! por piedade fugi!....
talvez agora (D. Rodrigo dá sinaes de desespera-
cção.) mesmo os algozes vos procurem! (Banhada
em pranto ajoelha aos pés D. Rodrigo.) Fugi! Dei-
xat-me! E para sempre!... Eu vos rogo, eu vos
imploro!....

D. Rod. — (Como louco.) Fugir? Deixar-vos?
Nunca!... nunca!... Con-entir que D. Elvira seja
esposa do Marquez de Ferreira?... Jámais!... (E-
ca pensativo, e depois com fúror.) Hade o Marquez
casar com D. Elvira mas só depois de Évora ficar
reduzida á cinzas; depois que o ciúme, a raiva, e
a desesperação tiverem levado o facho da vingança
a toda a parte! Só depois de não haver mais pe-
dra sobre pedra; e o meu sangue ter salpicado os
umbraes do palacio do Conde de Basto, e ter mi-
nha alma salido aos borbulhões de minhas feridas,
só então, se o Marquez de Ferreira escapar ao meu furor, poderá levar D. Elvira aos altares! Lá mesmo; e em toda a parte, minha sombra, qual vossa sombra, vos hade amaldiçoar! Vos hade amaldiçoar!... Vos hade ferir!... Vos hade arrebatar para os infernos!... Sim, ingrata!! Jamais hasde vosso amante!... 

D. Elv. — (Levanta-se, e muito animada diz.) D. Rodrigo! D. Rodrigo, o que dizeis! E' assim que um fidalgo, que um cavalleiro falla á sua no­bra dama! E' assim que D. Rodrigo falla á filha do Conde de Basto! (Chora.)

D. Rod. — (Com transporte apaixonado.) D. El­vira! D. Elvira!... Chorais!... Por piedade! (Ajoe­lha, beija a mão de D. Elvira, e a banha com la­grimas.) Perdão! Perdão!... Tende compaixão do vosso amante, que lucta entre o amor e o ciume, entre a imaginaria felicidade, e a sua triste sina! Uma só palavra!... (D. Elvira levanta a D. Ro­drigo.)

D. Elv. — O que quer D. Rodrigo, que lhe diga a sua fiel amante?

D. Rod. — Que D. Elvira me aconselhe; que me mande!

D. Elv. — Pois bem, D. Elvira pede á D. Ro­drigo em nome de seu pai, em nome dos Ceos; em nome do ardente amor que a devora, que hoje mesmo fuja de Portugal, (D. Rodrigo dá signaes de desesperaço) e para lugar onde em segurança possa viver sem se lebrar de Evora e de D. El­vira! (Chora.) Onde não possa saber do cazamen­to de D. Elvira, dos seus tormentos, e da sua morte! D. Elvira jura á D. Rodrigo que seus dias hão de correr com a rapidez do relâmpago, e que o seu rival hase possuir um cadaver e não uma noiva!... E que mais quer D. Rodrigo?

D. Rod. — Fugir? Deixar-vos?... (Com muito furor.) Nunca! Nunca! Queres ingrata sem susto gozar dos teus prazeres, e do teu triunho? Que­res sem obstaculos possuir esse homem ou esse de­monio? Queres que eu deixe Evora para que a mi­
nhá presença não perturbe teus dias, e teus passar-tempos? Tens medo de gozar diante de mim as honras que não mereces? Tens medo que eu escureça tua vaidade, e zombe de tua ostentação? Receias que meus olhos sejam dois punhais que firam todos os instantes o teu coração? Tens medo de morrer de vergonha e de remorsos?

D. Elv. — (Muito animada.) D. Elvira sente amar a D. Rodrigo, visto que D. Rodrigo não presa as virtudes de D. Elvira! Não tenho de que ter vergonha pois nunca faltai nem levemente aos meus deveres! Tenho remorsos de ter amado um ingrato, mas como o meu amor foi sempre regulado pelas leis da honra, tais remorsos não perturbam minha consciência! Tenho medo de gozar, à vista de D. Rodrigo, das honras da sepultura, pois d’esse ingrato não desejo merecer-lhe, nem mesmo uma só lágrima sobre a minha fria campa! A filha do Conde de Basto, a desposada do Marquez de Ferreira necessita obedecer aos preceitos paternais, e deixar-se arrastar aos altares, porque assim é necessário para dar a vida e o socorro a seu pai; ella o tem que em breve haverá de deixar este mundo de tormentos e contradicções, deseja morrer em paz! A esposa do Marquez de Ferreira nunca haverá de ter medo de ver a D. Rodrigo pois ella tem muita nobreza e dignidade para respeitar aos seus deveres, e fazer-se respeitada! D. Elvira haverá de tremendo da presença de D. Rodrigo porque ella por mais que não queira haverá sempre sentir as suas desgraças! D. Elvira na ausência de D. Rodrigo haverá morrer tranquilla, como uma planta mudada para terreno esteril, e onde não goza nem do cuidado dos homens, nem dos orvalhos do ceo; e D. Elvira com a presença de D. Rodrigo haverá morrer em tormentos, qual debil planta açoitada e despedaçada pelas tempestades da natureza, ou reduzida ao nada pelo raio do Céo! De uma ou de outra maneira D. Elvira tem a certesa, que em breve haverá acabar, e tem também a certesa que haverá descer à região dos mortos sem faltar aos seus juramentos—fiel esposa.
do Marquez de Ferreira e extremosa amante de D. Rodrigo!

D. Rod. — (Com muita ternura.) Extremosa amante de D. Rodrigo?

D. Elv. — Assim o jurei, e assim ainda o juro! (Põe a mão sobre o coração.) Este coração que é só vosso, e que parece querer fugir do meu peito, caminha com a rapidez do vento para a morte! Ele está quasi esmagado por tantos pezares, e com o combate das ideias — amor e dever — prazer e maldição!

D. Rod. — Hoje mesmo me ausento de Evora, e para sempre: Evora, Portugal, tudo, tudo, para mim será nada!

D. Elv. — (Com muita ternura.) Eu vos agradeço homem honrado, amante fiel, e generoso fidalgo!

D. Rod. — D. Elvira, vós me amais?

D. Elv. — E D. Rodrigo duvida do amor de D. Elvira?

D. Rod. — Eu me ausento de Evora, mas com uma condição!

D. Elv. — Condição!... (Fica pensativa.) Sim estou prompta à ouvir a condição de D. Rodrigo, pois uma fidalga não deve temer de ouvir as proposas de um leal cavaleiro!

D. Rod. — Esta noite eu vos devo conduzir à capella da Conceição, e lá acharemos um Sacerdote e duas testemunhas....

D. Elv. — (Com muita rapidez.) Basta! Não desejo ouvir mais! Se D. Elvira fosse só uma jovem amante aceitaria a proposta; mas ella é nobre, e é filha do Conde de Basto, e por isso despreza a condição, e se envergonha até de se lembrar da louca e pouco decente ideia de um casamento clandestino! Uma Alancastre pôde jurar amar sempre um homem, pôde morrer por causa de um amante, mas não pôde nunca fugir com elle!

D. Rod. — (Desesperado.) Não vos deixo cruel! Sem vós não saio de Evora! Quero morrer mas morrer a vossa vista! Quero padecer mas quero que também sintais os meus tormentos!... Quero ver
o vosso casamento porque vos quero ver infeliz! Quero vos ver escrava de quem não amais porque me quero rir! Quero ver-vos morrer para então poder respirar!...

D. Elv. — E são esses os sentimentos de D. Rodrigo? (Fica banhada em pranto.)

D. Rod. — (Ajoelha-se aos pés de D. Elvira e com muita ternura lhe diz) Fugi! Fugi comigo!

D. Elv. — (Com dignidade.) Não desjo, não quero, e não posso faltar ao meu dever!

D. Rod. — (Com muito furor) Tremei! tremei ingrata! O meu ciúme! o meu furor! Ah! a morte!

D. Elv. — Morrer?... sim estou prompta. A morte para mim é um bem; mas quero morrer com honra! (O povo grita — viva El-rei!.. morra D. Rodrigo!.. morra!... — D. Elvira com susto diz) Ou-vistes, Srir.?

D. Rod. — Ouvi!
D. Elv. — E o que pertendeis?

D. Rod. — (Tira um punhal, e com muito furor diz) Morrer, e levar-vos comigo à sepultura! (vai para assassinar a D. Elvira, que o espera á sangue frio, mas, quando o punhal chega quasi ao peito d'ella, D. Rodrigo como perdendo a razão o deixa calir e diz) Horror!!!.. Horror!.. Piedade!... Soccorro! (falsa como louco) Furias deixai-me!... Inferno para que me devorais!... Um crime!... Um assassino! D. Elvira! D. Elvira!... Oh! meu Deos valeime! Razão para que me foges!... (Abre os braços) D. Elvira! D. Elvira soccorre o vosso amante! Elle expira! Elle morre! (D. Elvira se lança com muita precipitação nos braços de D. Rodrigo, e ficão immoveis como estatuas. Entra Fr. José.)

Fr. José'. — Graças á Providencia elle ainda não foi preso! D. Rodrigo, fugi, fugi, pois vos procura a morte, e morte afrontosa! (D. Rodrigo não responde.) D. Elvira, pois quando o vosso amante está sobre o abysmo, é que quereis gosar dos delirios de amor! Quando se trata só da morte é, que vós dormis nos braços do prazer!... O que é isto! Estarão mortos? (Vai pelo fundo do theatro, e bate com
as duas mãos sobre os hombrclos dos dois, que acordão
assustados.)

D. Rod. — D. Elvira! D. Elvira! \(\text{Almos ao mes-}
\)
D. Elv. — D. Rodrigo! Meu pai! \(\text{mo tempo.}
\)
Fr. José'. — O que é isto, D. Rodrigo e D. El-
vira? Que imprudencia é esta?

(D. Rodrigo e D. Elvira se lançan aos pés de
Fr. José', cada um do seu lado)

D. Rod. — Protecção, meu bemfeitor! \(\text{Ambos omes-}
\)
D. Elv. — Protecção, homem justo! \(\text{mo tempo.
\)
Fr. José'. — Só Deos é que nos pôde salvar! Fugi,
D. Rodrigo! O tempo corre, e qualquer demora traz vossa perdição! Fugi para o palacio do
Arcebispo Inquisidor Geral, elle vos hade receber.
D. Rod. — (Desesperado.) Fugir! e não levar D.
Elvira?

Fr. José'. — Louco! Pois estaes com um pé já
sobre o cadafalso, e quereis que D. Elvira vos si-
ga! Fugi! Fugi! Tudo está perdido! D. Rodrigo e
D. Elvira estão ambos desgraçados!
D. Elv. — (Com muito susto.) Onde está meu
pai?

Fr. José'. — Preso na Inquisição como criminoso
de Lesa-Magestade!
D. Elv. — Ai! (Cahe desmaiada no chão.)
D. Rod. — (Levanta o punhal que está no chão.
e com furor diz) Não hasde ficar impune malvado!
Tu a mataste! Eu saberei vingal-a! Demonio com
figura humana, contempla! (Aponta para D. Elvira.
Fr. José com os braços cruzados está firme como uma
estatua.) Vê o fructo do teu plano!.. Deos te cas-
tigou — nem eu nem elle — ! D. Elvira! D. Elvira!
(Vai cahir de joelhos ao pe do corpo de D. Elvira.)
Fr. José'. — (Levantando os braços para o Céo.)
Deos de bondade tende compaixão d’elles!
D. Rod. — (Levanta-se, e diz como louco) Espere-
rai! Esperai! Eu vos adoro, e não vos abandono!...
Tu me chamas?... D. Elvira! D. Elvira!... Eu
vou, eu vou... não sou cobarde, não tenho medo
da morte! sou vosso esposo! seremos felizes, e para
sempre! (Vai para se assassinar, mas Fr. José que
o tem seguido lhe tira da mão o punhal.) D. Elvira!
D. Elvira, o que fazeis? Pois nem mesmo na eternidade quereis ser minha?...

FR. José'. — (Com velemência.) D. Rodrigo! Basta de delírio! Honrai as cinzas de vossos pais, e fugi ao cadafalso! Fugi! Em nome de Deus assim o mando!

D. Rod. — (Espanta-lo.) E D. Elvira?

FR. José'. — Fica ao meu cuidado.

D. Rod. — E não está ella morta?

FR. José'. — Não! Não está morta; porém se estiver é agora que ella vive em paz.

D. Rod. — (Com furor.) Vive em paz! Frade sem razão, sem lei, sem respeito à Deus nem aos homens, teus dias estão contados! Se o morrer é viver, tens tu de ter muita vida! (Lança-se a FR. José para lhe tirar o punhal.)

FR. José'. — Louco! Temerario! A força está do vosso lado, porém a protecção de Deus está da minha parte!

(Entra Maria correndo, e toma o braço de D. Rodrigo, e este larga a FR. José.)

M aria. — (Com velemência.) Fugi! Fugi Sôr! A justiça cerca o palácio, e vos procura! (O povo grita — Morra D. Rodrigo — morrão os traiidores.)

FR. José'. — (Com calor.) Ao palácio do Arcebispo Inquisidor Geral! (aponta para a porta.)

M aria. — Na porta do jardim ainda não há sentinelas!

D. Rod. — (Como louco pega no braço de Maria e lhe mostra D. Elvira, e diz.) Eis tua ama! Eis D. Elvira! Eis a minha amada! (Chora.)

M aria. — (Corre a ajoelhar-se ao pe de D. Elvira; da-lhe um beijo, e logo como um raio se levanta, e pegando no braço de D. Rodrigo lhe diz.) ELLA vive! (Larga o braço e vai fechar a porta da rua. O povo grita — A cabeça de D. Rodrigo — viva Elrei.)

D. Rod. — Ella vive?...

M aria. — Fugi! Fugi Sôr! Pelo jardim!

FR. José'. — (Impaciente.) O cadafalso vos espera louco amante! Se vos demoraes, perdeis para sempre D. Elvira!
D. Rod. — Perder D. Elvira?
Fr. Jose'. — Se vos salvardes, ella será vossa!
(Maria vai dar socorros a D. Elvira.)
D. Rod. — (Ajoelha-se aos pés de Fr. José.) Fr. José! Meu pai! Meu protector! Meu amigo!
Fr. Jose'. — (O levanta.) Fugi! Fugi! Já sobrem a escada!
D. Rod. — (Espantado.) E D. Elvira?
Fr. Jose'. — (Zangado.) O que vos importa D. Elvira nas circunstancias em que estas?
D. Rod. — (Furioso.) E heide deixar a D. Elvira nos braços do meu rival?
Fr. Jose'. — Ella será vossa, ou não pertencerá a pessoa alguma!
D. Rod. — (Pega no braço de Fr. José.) Frade! Deos, ou o demonio! vós me fallaes a verdade ou me tentaes?
Fr. Jose'. — Deos protegerá a D. Elvira, e ella será vossa!
D. Rod. — (Larga o braço de Fr. José, e corre a pegar na capa e chapeo, e depois de prompto vem de novo pegar no braço de Fr. José, e diz) D. Elvira será minha?
Fr. Jose'. — Se Deos o quizer!
D. Rod. — Palavras sonoras, mas promessas vagas!
Fr. Jose'. — Farei tudo quanto poder!
D. Rod. — (Com desesperação.) Jurai que D. Elvira será minha?
Fr. Jose'. — Heide procurar todos os meios de D. Elvira ser vossa! (Batem com força á porta. Maria larga a D. Elvira. D. Rodrigo larga o braço de Fr. José.)
Maria. — Fugi Sêr.!
Fr. Jose'. — (Apontando para a porta do interior.)
Ao palacio do Arcebispo Inquisidor Geral!
D. Rod. — (Fugindo pela porta do interior.) Ao palacio do Inquisidor Geral! (Sahe.)

Fim do segundo acto.
Acto 3.º Periodo 3.º

SCENA 1.

Sala de D. Francisco Conde de Basto. - D. Elvira vestida de incó modo e Maria sua criada. Devem estar no Scénario uma meza e três cadeiras.

MÁRIA. — Senhora, é necessário ter mais ânimo, e fé em Deos; e é n'ellas ocasiões, que a religião mostra o seu poder consolando nossas almas, e enchendo-as de esperanças.

D. ELV. — Tens razão, Maria, mas o que queres que eu faça? Poderei estar contente estando já, ha mais de um anno, meu amado pai preso, sem que ao menos eu tenha a consolação de o ver e abraçar, de ouvir seus queixumes e os suspiros de sua aflicta alma! (Chora) sem lhe poder levar pelo menos os doces socorros de palavras consoladoras, e os extremosos cuidados de uma filha! Não queres, que depois de sofrer por meu pai, chore a desgraças de D. Rodrigo, e gema com o peso das saudades, com as vivas recordações de um bem adorado, com as ardentas chamas de amor que abrazo meu peito? Não queres, que eu trema por mim mesma, orphaa abandonada, sem pai, sem amante, sem parentes, sem recursos, despresada, odeada? (Chora.)

MÁRIA. — Minha Senhora, por piedade basta de pranto! De que servem lagrimas que produzir não podem o bem que se deseja!

D. ELV. — As lagrimas me consolam: é o unico lenitivo que me resta, é o unico recurso que tenho para aliviar meu moribundo coração, cheio de tormentos e pezares; é a unica acção que livremente posso fazer!

MÁRIA. — Deos hade permitir, que vosso pai e D. Rodrigo sejam livres.

D. ELV. — Livres! ... (Chora) Ah! honrada Mária, tal não espero!

MÁRIA. — E porque não, Senhora? Não vos deveis encher de esperanças com a vinda de Fr. José, que ha dias chegou de Lisboa? Não foi elle
a Madrid fallar com El-rei Nosso Senhor? Não é
elle íntimo amigo de vosso pai, e protector de vos-
so amante?

D. Elv. — Innocente Maria, não tens visto pe-
lá experiencia que desgraçados não tem amigos, e
não tem protectores? Depois da prisão de meu pai,
e do confisco de seus bens, tens visto que a este
despido palacio, onde vivo por esmola, tenho vin-
do as minhas numerosas amigas e os amigos e va-
lidos de meu pai? Estas paredes já ouvirão um doce ai
de compaixão da boca d'esses inmensos lisongeiros,
commensaes, e dependentes da minha antiga familia?
Onde estão as velhas alas, e os submissos criados?

Maria. — Theresa, vossa ama de leite, unica
que restava, hontem se auzentou.

D. Elv. — Se auzentou!.... sem ao menos me
dizer adeos! (Chora.)

Maria. — Antonio o velho criado de vosso pai
hontem não tornou mais para casa.

D. Elv. — Grande Deos! (Senta-se em uma ca-
deira.)

Maria. — (Pegando na mão de D. Elvira.) Mi-
inha ama! minha senhora!.... tende compaixão de
mim!.... (ajoelha) Querida senhora tomai ânimo!
(D. Elvira suspira.).... tendes em mim uma fiel
criada, nada vos hade faltar! (D. Elvira torna á si.)
Não se necessita de mais criadas, nem criados, eu
so vossa escrava, tudo sei fazer, e tenho vigor!
Sim, haeveis de ser servida como uma princeza!
(D. Elvira levanta-se, e levanta Maria do chão, e a
recebe nos braços.)

D. Elv. — Tu minha escrava! tu mulher virtu-
osa minha criada! tu coração honrado e sensível te
dedicas ao meu serviço? Não, não, Maria, tal não
consinto! Foge! foge de esta casa amaldiçoada por
Deos, e ultrajada pelos homens! foge! foge! antes
que algum raio do Céo caia sobre estas paredes,
unico monumento da criminosa soberba dos Condes
de Basto! Corre, corre, antes que a justiça tam-
bem te leve ao cadafalso! (Chora.)

Maria. — Senhora! (Chorando.) eu fugir!....
deixar-vos!.... abandonar a virtuosa D. Elvira!....
a minha boa Senhora!.... Quero morrer juncto á vós!

D. Elv. — Morrer juncto á mim! Cheia de miséria e de opprobrio!

Maria. — Deos é imenso, e não havemos de morrer de miséria! E' verdade, que o Judeo a quem entregastes para vender o resto das vosssas joias vos roubou, pois fugio de Evora.

D. Elv. — Fugio com o ultimo recurso que nos restava! Só me resta morrer! (Chora.)

Maria. — O Mordomo, quando se ausentou, não só não deixou meios alguns, mas até não deixou as contas da casa.

D. Elv. — E então?.... ainda queres estar n'esta casa? queres morrer de fome juncto comigo? queres ir á meu lado implorar a misera esmola aos soberbos passageiros da estrada publica? (Chora.) Os Ceos castigao a soberba D. Elvira, porem protegem a virtuosa Maria!.... foge!.... foge!.... querida companheira, e deixa-me entregue á minha justa punição!

Maria. — (Chorando.) Minha querida ama, vós delirais! Pois podem ser punidads, a virtude, a honra, e a piedade? Se fosse necessário pedir esmola não estava aqui Maria, criada de servir, para se abaixar a esse officio não aviltante da sua condição? Maria seria tão infeliz que não trouxesse todos os dias quanto necessário fosse para alimentar a nobre Condessa de Basto!.... Mas, graças à Providencia, não estamos reduzidas ainda á miseria: n'esta bolça (tira uma bolsa) existem as minhas soldadas, existe ouro pertencente á D. Elvira, minha ama, existe ouro que nos chega para viver com economia mais um anno.

D. Elv. — (Se lança nos braços de Maria.) Generosa amiga, virtuosa companheira! (Ficão abraçadas chorando, e batem com forca na porta. Saludando dos braços de Maria.) Quem será!.... Sera a justica!.... Quererão que eu tambem seja lançada nas mormoras!

Maria. — Socegai, Senhora, eu vou ver quem é, e tomarei sobre mim toda e qualquer imputação
que a calumnia vos fizer. (Maria vai abrir a porta e entra o Marquez de Ferreira que tira o chapeo.)

Marquez. — D. Elvira, tenho que vos pedir perdão, de ha um anno não ter vindo a vossa casa!

D. Elv. — Sêr. Marquez, D. Elvira d'Alancastro nunca esperou, ou desejava, as visitas de D. Francisco de Mello.

Marquez. — (Aparte — Ainda está soberba!) Nobre dama o crime de vosso pai!...

D. Elv. — O crime de meu pai foi só o ser muito nobre, e fazer sombra à alguns fidalgos de Evora!

Marquez. — Preso por crime de lesa-majestade!...

D. Elv. — Preso por ser fiel vassallo, por amar ao seu rei, e a sua patria; e demais, Sêr. Marquez, se n'esta casa habita a filha de um criminoso de lesa-majestade, vós não deveis n'ella estar nem mais um instante. — Adeos Sêr. Marquez! (quer-se retirar.)

Marquez. — D. Elvira, eu vos rogo me escuteis em particular.

D. Elv. — Maria, minha amiga retira-te! (Maria que deve estar atras de D. Elvira se retira.)

Marquez. — (Com espanto.) Maria vossa amiga!

D. Elv. — Mais que amiga, minha bemfeitora! Sêr. Marquez, na desgraça é que se conhecem as almas sensíveis, e os corações bem formados! Na desgraça é que a soberba e nobre D. Elvira conhecêo, que seu orgulho era uma quimera, que a virtude não escolhêe condições, e que Deos não formou a social separação— entre fidalgos e plebeos, criados, e amos!

Marquez. — Os vossos ultimos dois criados e que já sahirão de vossa casa, me contárão!.....

D. Elv. — Que vivo contente com a minha sorte!

Marquez. — Que o Judeo Jorge vos roubou o ultimo recurso, as vossas joias.

D. Elv. — Deos assim o quiz, e seja feita a sua vontade.

Marquez. — Venho oferecer-vos a minha casa, onde occultamente podeis viver sem nada vos fal-
tar. Vós bella, e por mim sempre, adorada tereis!....

D. Elv. — Terei um extremoso e fiel esposo, não é assim Sir. Marquez?

Marquez. — As vossas circunstancias agora são outras, pois bem sabeis!....

D. Elv. — (Com vivacidade.) Que só sirvo para ser occulta favorita do nobre Marquez de Ferreira!....

Marquez. — Para ser seu idolo, sua preciosa joia!

D. Elv. — Para Senhor, eu me horroriso de vos ouvir! E' até aonde pôde chegar a malvadeza do coração humano, vir insultar a desgraça na sua própria habitação! Nobre Marquez, eu vos juro por Deos que nos está vendo, e ouvindo, que ainda que, me viesseis renovar a antiga convenção de família e oferecer a mão de esposo, eu prompta e francamente a rejeitava.

Marquez. — Senhora, o tempo vos hede fazer conhecer a vossa posição, por agora só vos pego que acceiteis esta bolsa cheia de dinheiro, (tira uma bolsa e D. Elvira a recebe) e vos juro que repetidas vezes hei de vir receber as vossas ordens.

D. Elv. — (Chega-se para a porta da rua, e deita a bolsa pela a escada abaixo, e diz :) O ouro do Marquez de Ferreira já teve o destino para que servia; e se D. Elvira fosse homem, o seductor e malvado D. Francisco de Mello seria também lançado pela escada abaixo. Maria!.... Maria!.... despede este homem, e fecha-lhe para sempre a porta (enta Maria e D. Elvira se retira.)

Marquez. — Bella Maria, vossa ama deve ser minha, e vós deveis!....

Maria. — Obedecer a minha ama, e fechar para sempre a porta ao Sir. Marquez.

Marquez. — Bravo! bravo! Maria! E até quando hade durar esse rigor?

Maria. — Não consta, que a virtude e a honra se podessem casar com o crime e com a vileza.

Marquez. — Porem a miséria sempre fez ceder a virtude, e o ouro sempre comprou a honra!

Maria. — A virtude fingida é que procura oc-
casiões para vergar o dever á sedução! Na família do Conde de Basto pôde a miséria obrigar a morrer, mas não pôde obrigar a perder á honra! Retirai-vos Senhor!

MARQUEZ. — D. Elvira transmittio a sua amiga Maria a mania de soberba, unica herança da família dos Alancastres; mas Maria não se lembra da sua vil condição!

MARIA. — Sei qual é a minha posição, e por isso mesmo sou soberba, quando vejo que a virtude e a honra não forão só partilhas da nobreza! O tumulto popular de Evora desmascarou a hipocrisia de muitos fidalgos, e agora já se conhece, que o Marquez de Ferreira é malvado, como qualquer vilão, e que a plebeia Maria pôde ser igual em nobreza de sentimentos á honrada família dos Alancastres!

MARQUEZ. — Minha bella Deosa secundaria, mereceis um abraço meu! (quer abraçar Maria e ella o repelle.)

MARIA. — Fidalgo libertino, respeitai á Deos que nos vé; e respeitai á virtude, se não!....

MARQUEZ. — Puxaes por algum punhal?

MARIA. — Chamo o povo, e vos heide cobrir de lama!

(Entra repentinamente o Corregedor, e o Escrivão com uns autos; e Fr. João.)

COR. — O que é isto nobre Marquez!

MARQUEZ. — Nada meu digno Corregedor, estava vendo se podia alcançar alguma confissão d'esta cega partidaria da rebellião. (Retira-se e vai conversar com o Escrivão no fundo do theatre.)

COR. — (Para Maria.) Quem és tu?

MARIA. — Maria, criada de D. Elvira a Condessa de Basto.

COR. — Dize á tua ama, que o Corregedor de Evora, em nome de El-rei a manda chamar. (Sahe Maria.)

FR. JOÃO. — Então o que resolveis?

COR. — Cumprir as ordens d'El-rei.

FR. JOÃO. — Pois quereis soltar ao ex-Conde de
Basto, o chefe do tumulto de Evora, o fidalgo mais criminoso, o portuguez mais inimigo d'El-rei!

Cor. — Não sou eu que o solto, porem a Lei e a vontade d'El-rei. Fr. João, já vos disse, que me julgo criminoso em ter demorado, para vos fazer a vontade, por estes quinze dias, a execução das ordens sagradas de S. Magestade. Ellas são expressas, e eu devia no mesmo dia que as recebi fechar a devassa, pronunciar aquelles contra quem houvessem provas, e mandar soltar os innocentes.

Fr. João. — Porem D. Francisco de Alancastre não é innocente: a minha denuncia!

Cor. — Segundo os autos elle é inocente, pois nem uma só testemunha o criminosa, e autaes pelo contrario as testemunhas provao plenamente, que elle foi um fiel vassallo e optimo servidor d'El-rei! A vossa denuncia foi a base do processo, e só servio para n'ella se fundar a ordem de prisão, e o confisco, o qual S. Magestade em sua bondade, justiça, e sabedoria, julgou dever sempre subsistir embora não haja pronuncia, e o reo seja solto e livre.

Fr. João. — E o titulo?

Cor. — O titulo e todas as honras tambem, as perdeo para sempre, embora não seja pronunciad. Hade mais ser intimado, junto com o mandado de soltura, para sahir dentro de seis horas da Cidade de Evora, e dentro de quinze dias do reino de Portugal.

Fr. João. — Nobre Corregedor, Francisco de Alancastre deve ir ao cadafalso!

Cor. — El-rei assim o nao quer, e se acaso n'estas ultimas perguntas, que vou fazer á D. Elvira sua filha, não houver prova, hoje mesmo, e n'esta mesma sala, vou mandar passar mandado de soltura : El-rei assim o manda!

Fr. João. — Esse malvado, esse hypocrita Franciscano, Fr. José, illudio a escrupulosa consciencia de S. Magestade, e servio-se da Santa Religiao de Jesus Christo, como um meio de proteger revoluções e soltar criminosos de Iesu-magestade.

Cor. — E se a santa religiao de Jesus Christo
não servir de intermedio entre o poder e a desgraça o que será dos desgraçados? Se a santa religião não servir d'intermedio entre a grandesa dos reis e a miseria publica, o que será do povo? E que fim teria já levado os reis! Fr. João parece-me que!....

Fr. João. — Sou zeloso de mais dos interesses d'El-rei nosso Senhor, e amo!

Cor. — Sim, pois não vos julgo inimigo pessoal de Francisco d'Alancastrae.

Fr. João. — Desejo só a hora da coroa, e a segurança do throno real.

Cor. — Pois achais pouco a sentença política lavrada pelo punho d'El-rei? Julgais que se devia fazer mais a um réo sem provas, do que tirar-lhe El-rei os bens, as honras, e a patria?

Fr. João. — E a filha?

Cor. — Ella é livre, e deve sempre acompanhar seu velho pai.

Fr. João. — Deve morrer em um convento para se acabar de uma vez o nome de tal família!

Cor. — Tal não posso fazer, salvo se ella o quizer voluntariamente; pois bem sabeis que tenho uma ordem d'El-rei para ella poder ver, e até ver na mesma prisão com seu pai. Vossos conselhos me tem obrigado a não executar tal ordem, mas agora não ha mais os escrúpulos de consciência de antes, e hoje mesmo heide entregar a ordem á D. Elvira.

Fr. João. — Tal não deveis fazer, pois na mesma prisão existe D. Rodrigo.

Cor. — Por ordem d'El-rei já entreguei á Santa Inquisição o réo D. Rodrigo, pois assim o reclamou o Arcebispo Inquisidor Geral, e á estas horas o réo está em carcere privado, separado, e sem comunicação.

Fr. João. — Aqui tendes esta ordem do Conde Duque. (Tira da manga um officio fechado e dá ao Corregedor.)

Cor. — Elle está fechado, e vos pertence e não a mim.

Fr. João. — Eu vos rogo que queirais abrir-o e lel-o.
Cor. — (Abre o officio, lê em particular, e depois a entrega à Fr. João.) Muito bem; e vejo agora qual a vontade do Conde Duque; elle quer a morte de D. Francisco de Alancastre, e a prisão perpetua de sua filha, mas o Conde Duque pede que hajão provas para as mostrar á El-rei; e como taes provas não existem, é necessário cumprir as ordens de S. Magestade.


Cor. — Devo obedecer á El-rei Nosso Senhor.

Fr. João. — Deveis obedecer ao Ministro. Na administração dos negocios do Estado o Ministro é tudo e El-rei é nada!

Cor. — Vós o amigo do Conde Duque assim o julgais, e eu Magistrado julgo o contrario. (O marquez vem para a boca do theatro.)

Fr. João. — A experiencia vos mostrará! Mandai soltar a D. Francisco, mandai a D. Elvira visitar o amante, e veremos se o rei se hade lembrar do Corregedor, se elle Corregedor hade ser mais despachado, se hade ter graças, e honras, e mesmo se hade poder aparecer na Corte. (Entra D. Elvira e Maria.)

Fica no centro o Corregedor, ao lado direito Fr. João e o Marquez de Ferreira, e á esquerda D. Elvira e Maria. O Escrivão fica juncto á meza.

Fr. João. — Deos de bondade proteja os vossos dias. (Para D. Elvira.)

D. Elv. — A palavra de Deos é sempre consoladora, venha da boca de quem vier.

Fr. João. — E Fr. João de Vasconcellos sempre amou a familia dos Alancastres.

D. Elv. — (Com perturbação.) E D. Elvira de Alancastre tem até medo de ver a Fr. João de Vasconcellos!

Fr. João. — Venho—vos, Senhora, mostrar a minha amisade. Este palacio deve ser vendido, e vos esforço no convento das Claras um decente e religioso asylo: tudo esta prompto, todas as despezas feitas, e só por vós esperao.

Maria. — (A parte com muito empenho.) Não
acceiteis, Senhora, é alguma traição d'esse demo-nio!... Tendes em casa de minha tia uma pobre, mas honrada habitação. Tremei, Senhora, de tal offer-ta!

D. Elv. — (Para Fr. João.) Hoje mesmo hei de sahir d'este palácio, mas não para o convento das Claras.

Fr. Joao. — E' necessário ir para o convento, pois de outra maneira a Justiça tem de tomar conta das joias sonegadas ao confisco, e por vós entregues ao Judeo Jorge!

Maria. — (Com muito calor.) Fui eu quem dei essas joias ao Judeo!

Cor. — Tu?

Maria. — Sim, eu.

Cor. — Ellas erão tuas?

Maria. — Erão tanto minhas, como tudo o mais é propriedade do Fisco. A Justiça mandou à este palácio oficiaes seus, que declararão ser tudo bens sem dono: elles tomárao posse d'esses bens, e eu também tomei posse das joias, e se sou criminosa, também a Justiça o é.

D. Elv. — Sír. Corregedor, Maria está inno-cente, e só quer por uma ação nobre e generosa, salvar-me tornando-se responsável pelas joias.

Maria. — Sír. Corregedor, estou prompta a ju-rar, que digo a verdade: — minha ama está inno-cente.

D. Elv. — Estou inocente; porém fui eu quem entreguei as joias ao Judeo. Nobre Juiz, quando a Justiça entrou n'esta casa me achou quasi morta n'esta sala; e nada vi, e de nada soube: quando acordei, me achei no meu quarto cercada pelas mi-nhas criadas banhadas em pranto, e tudo era des-ordem, e confusão. O palácio estava totalmente rou-bado, os moveis do meu quarto todos em pedaços, mas em uma gaveta do meu toucador achei as mi-nhas joias! Se a força as abandonou, é porque re-conheceu, que erão de minha propriedade, ou tal-vez porque entre os instrumentos d'essa força, hou-vesse algum coração ainda com sentimentos de hu-manidade, e com compaixão de uma misera-orphaa!
Cor. — Tendes razão, Senhora!

Fr. João. — Porem!...

Cor. — Silêncio, Senhor!

Maria. — Talvez essas joias estejam em poder do Sr. Fr. João.

D. Elv. — (Para Maria.) Deves ter prudência!

Cor. — Em nome de El-rei mando que todos se ausentem. (Saem Fr. João e o Marquez de Ferreira.)

D. Elv. — Também me devo ausentar?

Cor. — Não, minha nobre Senhora. (Olha para Maria e lhe diz.) Deveis sahir! (Sahe Maria.) O Corregedor dá a mão à D. Elvira, e lhe dá assento na mesa à direita; o Corregedor se assenta na cabeceira da mesa, e à esquerda fica sentado o Escrivão. O Escrivão deve escrever todas as respostas de D. Elvira. O Corregedor para D. Elvira. Como vos chamais?

D. Elv. — D. Elvira de Alancastre. (O Escrivão escreve.)

Cor. — Donde sois natura!?

D. Elv. — Desta Cidade de Évora.

Cor. — Vossos pais?

D. Elv. — O muito nobre Conde de Basto, D. Francisco de Mello, e sua Esposa a Condessa de Basto D. Leonor de Almeida.

Cor. — Vossa idade?

D. Elv. — Vinte annos.

Cor. — Sabéis o motivo da prisão de vosso pai?

D. Elv. — Sei sim, Senhor; — está preso por ser o homem mais honrado d'esta Cidade, por ser o vassallo mais fiel d'El-rei.

Cor. — Porem elle tramou contra El-rei!

D. Elv. — E' falso! totalmente falso! E vós, S.º Corregedor, paraí d'uma vez com esta inquirição, odiosa perante a Lei, vergonhosa para vós, e horrorosa para mim! (O escrivão depois de escrever dá os autos à D. Elvira.)

Cor. — Assignai Senhora. (D. Elvira assigna e entrega os autos. O Escrivão lava o termo de conclusão e o Juiz dá um despacho e depois se levanta...)
mesmo faz D. Elvira e o Escrivão. O Corregedor diz para o Escrivão. Passai esse mandado, e executa estas ordens de El-rei. (Dá ao Escrivão um papel. Pega na mão de D. Elvira e a traz para a boca do teatro.) No- bre D. Elvira, esta ordem de Sua Magestade (tira da algibeira um papel) vos concede licença para ver vosso pai, e com elle viver em qualquer parte que seja. (Dá a D. Elvira o papel) A’ vista d’ella as portas da prisão serão abertas.

D. Elv. — (Com transporte) Homem virtuoso, e generoso! Eu vos agradeço esta ordem, esta prova da vossa bondade! Ah!....

Cor. — (Com impaciência.) Senhora, á mim nada deveis, foi uma graça d’El-rei alcançada por um Anjo vosso protector.

D. Elv. — Meu protector!.... (com tristeza) e de meu pai?

Cor. — Vós todos tendes um poderoso inimigo, mas também tendes um poderoso amigo. (Aparte.) Tenho medo de lhe dar parte da liberdade de D. Francisco!... Devo reservar esse prazer à Fr. José (O Escrivão vem dizer ao Corregedor.)

Escr. — O mandado está prompto. (O Corre- gedor vai assignar o mandado, e fala com o Escrivão que pega nos autos e no chapeo e sahe. O Corregedor pega no chapeo, e vem fullar com D. Elvira.)

Cor. — Adeos, nobre Senhora. Em breve haver de ter uma visita, e ella vos hase dar alegres noticias. (Sahe.)

D. Elv. — (Com inquietação.) Anjo protector!.... poderoso amigo!.... alegres noticias!.... (ajoelha e levanta as mãos para o Ceo.) Deos meu! Pai dos desgraçados, Redemptor do mundo, tende compaixão de mim!.... Olhai com os vossos olhos piedosos para a infeliz orphaa que vos implora protecção!.... Se- nhor! por misericordia restitui-me meu pai! (une as mãos e fica banhada em pranto, e depois de alguma pau- sa diz:) Perdoai-me Senhor!.... meu coraçao já não é meu, e não posso deixar de repartir o desejo entre o pai e o amante!.... Se é crime castigai-me, oh! meu Deos! mas tendo commiseracao de
D. Rodrigo! Salvaí-o, dai-lhe vida, e liberdade!  
(fica pensativa. \(\text{Entra Maria correndo.}\) )

\text{Maria. — (Com muita vivacidade.) Minha Senhora! novidades! novidades!}

\text{D. Elv. — (Levanta-se com arrebatação.) O que é Maria?}

\text{Maria. — Vossos pais estão livre, e solto!}

\text{D. Elv. — (Com espanto.) Maria, tu brincas, e me matas!}

\text{Maria. — (Com viveza,) Juro-vós que é verdade!}

\text{D. Elv. — (Com transporte de alegria.) Maria!}

\text{Maria! eu morro! (Maria abre os braços, e fica abraçadas: e depois de alguma pausa se separa.)}

\text{D. Elv. — (Com incerteza.) E quem vos assegurou a notícia?}

\text{Maria. — Eis ali vem (olhando para a porta do interior) o Anjo vosso protetor! (Entra Fr. José.)}

\text{Fr. José. — D. Elvira! vinde a meus braços, e consenti que este velho cenobita vos chame sua filha! (com transporte.) Deixai-me antes de morrer gozar doce recordações!}

\text{D. Elv. — (Chorando se lanza nos braços de Fr. José.) Meu pai, meu protetor!}

\text{Fr. José. — (Depois de uma pausa se separa.) Minha amada filha, deveis hir quanto antes vêr a vosso pai, elle está livre e solto.}

\text{D. Elv. — (Com vehemência.) Ah! deixai-me beijar os vossos pés! (lança-se aos pés de Fr. José) homem santo! meu anjo da guarda, meu único amparo!}

\text{Fr. José. — (Com presteza.) D. Elvira o que faziais!.... Offendeis a Deus vosso único protetor! (Levanta a D. Elvira.)}

\text{D. Elv. — (Para Maria com transporte.) Maria! querida amiga, fiel companheira! vem a meus braços e goza commigo da minha felicidade! (Ambas se abraçam chorando: depois se separam.)}

\text{Fr. José. — D. Elvira, na porta do jardim está a vossa espera uma liteira para vos conduzir à prisão onde ainda está vosso pai; e dizei-lhe que não saia d'ella sem ordem minha; e à meia noite em ponto, eu vos darei provas da minha amizade. Se}
o carcereiro se impacientar, dai-lhe ouro, e é n'estas ocasiões que o dinheiro tem todo o seu valor; e com o dinheiro se comprão as almas pequenitas e vis. Deveis logo voltar para casa, e preparar tudo para uma longa viagem. Maria já tem as instrucções, e o dinheiro necessário; e antes de meia noite, eu vos hei de mandar buscar. — Vamos.

D. Elv. — (Para Fr. José com susto.) E D. Rodrigo?

Fr. José. — Deos tenha compaixão d'elle! (Sua-hem.)

**SCENA 2.a**

*Sala do Corregedor, a mesma meza e cadeiras. — Entra Braz vestido como lavrador.*

Braz. — Ora o que me quererá o Sânh. Corregedor?.... Ha um anno que estou fora da Cidade, nada sei do mundo, e por mais que bata na testa não posso adivinhar para que sou chamado! E a cara do tal meirinho! Parecia-me o diabo em carne. (Entra Fr. João.) E eu a fallar no diabo, e o diabo comigo! (Benzê-se e fica passeando.)

Fr. João. — Braz!.... Braz!.... Não ouves!....

Braz. — Quem me chama!

Fr. João. — Não me conheces?

Braz. — (Párna.)... Não, Senhor?

Fr. João. — Pois não conheces a Fr. João de Vasconcellos?

Braz. — E o que me quer Vossa Reverendissima?

Fr. João. — Venho-te salvar!

Braz. — (A parte.) Comigo não quero eu ir nem para o Céo!

Fr. João. — Derão contra ti uma denuncia.

Braz. — Paciência, — Deos é grande.

Fr. João. — O Corregedor te vai mandar da qui para a Cadeia.

Braz. — E que remedio terei eu se não ir para onde me mandarem — (A parte.) Não me enganais demonio.
Fr. João. — Talvez eu possa!
Braz. — Alcançar a minha liberdade?
Fr. João. — Mas é necessário!....
Braz. — Dinheiro!....
Fr. João. — Nos crimes políticos não é só com o dinheiro, que se compra a liberdade.... Também alguns serviços....
Braz. — Serviços!.... E que taes serão esses serviços!
Fr. João. — Com boas maneiras se faz muita cousa.
Braz. — De certo, de certo! Pode Vossa Reverendissima falar francamente, eu o escuto.
Fr. João. — Fr. José da Conceição já está perdido, e mal algum lhe podes fazer.
Braz. — E Deos me livre de tal!
Fr. João. — Muitas testemunhas jurará contra elle, e o teu depoimento em nada vai augmentar a prova que ha.
Braz. — Tanto melhor! E para que sou eu chamado?
Fr. João. — Por um acaso, eu te defendi, e prometti ao Corregedor provas da tua probidade.
Braz. — E tudo por um acaso!.... Não é assim?
Fr. João. — Não me deves deixar ficar mal! Espero que a tua declaração contra Fr. José seja plena, e verdadeira.
Braz. — Desde já juro que hei de dizer a verdade.
Fr. João. — Se queres a tua liberdade deves dizer a verdade: — que elle foi o principal cabeça do tumulto do povo, que foi elle quem deo os planos da revolução.
Braz. — E só isso?
Fr. João. — Que elle recebia ordens do Duque de Bragança, e tratava de o acclamar em Evora rei de Portugal.
Braz. — Heide dizer a verdade, isto é, que tudo quanto Vossa Reverendissima diz de Fr. José da Conceição é falso, e mais que falso!.... que
Vossa Reverendissima é suspeito, e mais que suspeito!

Fr. João. — Rebelde!... hasde ir á forca!

Braz. — Como sempre hei de morrer, é bom aproveitar esta occasião, e acabar como homem honrado.

Fr. João. — (Com desesperação.) Como um malfeitor!

Braz. — Como Vossa Reverendissima quizert

Fr. João. — És um vil plebeo!

Braz. — Mas não dou juramentos falsos, nem denuncias.

Fr. João. — (Com mansidão.) Já vejo que estás apaixonado! (A parte.) É necessário mudar de plano.

Braz. — Os negócios têm corrido mal, por isso estou apaixonado.

Fr. João. — (Tira uma bolsa de dinheiro e a dá a Braz.) Não quero vêr-te com desgostos; e eis aqui dinheiro, e se for necessário mais podes faltar sem receio!

Braz. — Graças á Providencia não tenho necessidades, pois agora vivo na abundancia.

Fr. João. — Porem podes aumentar o teu negocio! E se essa quantia não chega?....

Braz. — Chega muito, muito meu Senhor! (A parte.) Que velhaco — que velhaco!.... quer comprâr o meu juramento.

Fr. João. — Então estas contente?

Braz. — Muito contente.

Fr. João. — E logo que necessário for maior quantia....

Braz. — Obrigado, obrigado! Conheço a vossa bondade.

Fr. João. — (Batendo com a mão no hombro de Braz.) E ainda me has de deixar ficar mal?

Braz. — Nunca tal farei; e contai comigo.

Fr. João. — Sempre te conheci homem de bem! E dize-me o teu depoimento será conforme a verdade?

Braz. — Isso está claro como a luz do dia.

Fr. João. — Pois todos nós sabemos, que Fr. José é um criminoso; que é o principal cabeça do
tumulto do povo de Evora, que por sua causá...

BRAZ. — Sim, todos nós sabemos, que Fr. José é um homem honrado e virtuoso, que está perfeitamente inocente, e que as vossas denúncias são falsas.

FR. JOÃO. — (Em colera.) Villão! Assim insultas a um Religioso! A um nobre! A um mensageiro de El-rei!....

BRAZ. — Sou villão, mas choro as desgraças da patria, e vós sois nobre e vendeis vossa alma ao rei!

FR. JOÃO. — (Desesperado.) Juro que me hei de vingar!

BRAZ. — O poder de Deus é maior que o vosso!

FR. JOÃO. — Não me has de escapar!

(Entra o Corregedor com papéis na mão. Tira o chapéu e o põe sobre a mesa. Braz se retira para o fundo da sala.)

COR. — Sêr. Fr. João, agora mesmo recebi officios da Córte!

FR. JOÃO. — Que novidades ha?

COR. — Nada! Nada!

FR. JOÃO. — Alguns despachos?

COR. — Essa ordem de El-rei? (Dá a Fr. João um officio.)

FR. JOÃO. — (Abré, e le, e mostrando susto, e rai- va diz.) Trahição! Trahição! Em lugar de um Bis- pado um degredo! De que me serviu o ter sido o valido de El-rei!! Assim El-rei paga os meus ser- viços?.... Sêr. Corregedor, posso mandar um pro- prio á Córte?

COR. — Quantos forem do vosso agrado; mas eu tenho ordem para vos remetter preso no caso de vos achar a manhã em Evora. Será para mim bem penoso o cumprir a ordem de El-rei!

FR. JOÃO. — (Com impaciência.) Que causas hou- verão?

COR. — El-rei o sabe.

FR. JOÃO. — Que motivos allegaráo?

COR. — Alta política de El-rei.

FR. JOÃO. — É para que o degredo?

COR. — E' a vontade de El-rei.
Fr. João. — E sem eu ser ouvido?
Cor. — Assim o quiz El-rei.
Fr. João. — E não me posso defender?
Cor. — A resposta depende de El-rei.
Fr. João. — (Desesperado.) Um degredo injusto! El-rei é um despotismo, é um tirano! E' indigno de reinar!! Portugal não deve ser escravo dos Filippes; Portugal deve ser livre! (Sahe.)
Cor. — Agora é que os Filippes são tiranos! Agora é que Portugal deve ser livre! Eis a marcha e doutrina dos validos! (Olha para Braz e lhe diz.)
O que me queres?
Braz. — (Fazendo grande cortezia.) Fui chamado debaixo de vara para jurar na devassa!
(Entra o Escrivão e o Corregedor lhe diz.)
Cor. — Quem é este homem?
Escr. — Não sei, Senhor.
Cor. — Perguntai ao Meirinho!
(Escr. sai.)
Qual o vosso nome?
Braz. — Braz José do Monte.
Cor. — Ofício?
Braz. — Sou lavrador, mas vivo em casa de um irmão, homem abastado.
Cor. — O que vos estava dizendo Fr. João?
Braz. — (Tira a bolsa de dinheiro.) Deu-me este dinheiro, para eu jurar falso, para dar um depoimento mentiroso contra Fr. José da Conceição! (Deita a bolsa fora. Entra o Escrivão.)
Escr. — E' uma testemunha para a devassa, e foi oferecida pelo Agente de El-rei, o muito Reverendo Fr. João de Vasconcellos.
Cor. — Houve mandado?
Escr. — Não, Senhor.
Cor. — (Aparte.) Fr. João inimigo capital de Fr. José oferecendo testemunhas!... Abusando da minha amizade, e comprando os oficiais da justiça para chamarem em meu nome pessoas do seu agrado! E poder-se-ha dar valor, nestas ocasiões, aos depoimentos das testemunhas chamadas a jurar quando ainda reina o terror, o calor das paixões, e vinganças! E poderei com segurança dizer, que tenho cumprido com os meus deveres, quando as prisões...
de Evora estão cheias de infelizes, e eu reconheço que credito nenhum devo dar às provas! Deus po-
deroso! (exclama para o Céo) tende compaixão do
Magistrado honrado, que n’estas ocasiões não po-
de agradar à sua consciência, aos realistas, aos cor-
tezãos, nem ao proprio rei! (Volta-se para Braz e
the diz.) Tomai a bolsa, e retirai-vos!

Braz. — E’ dinheiro muito vil, e para mim não
tem valor. (Faz grande cortezia, e sahe.)

Cor. — (A parte.) Que terrível experiência! nas
revoluções políticas parece, que a probidade e a hu-
manidade só querem habitar nos corações dos da
classes media! Estes na febre dos movimentos se
encontram por logo voltão ao amor do traba-
halho, ao instincto da ordem! Os nobres por ciúmes
e rivalidades se tornão cruéis e baixos; os ricos por
inveja se assassinao; os empregados públicos por
ambição se devorão; e a plebe por natureza e edu-
cação folga alegremente sobre cadaveres, e sobre
ruinas!.... Homens políticos, que, com razão ou
sem razão, lançais os povos nas crises das guerras
civis, vós não conheceis a natureza humana, e des-
prezais a historia do mundo! E vós, reis das na-
ções, tremei das revoluções em vossos estados, pois
eleas não só arrasao as cabanas mas tambem os
palacios e os thronos! (Volta-se para o Escrivão e
diz.) Ide buscar o reo! (O Escrivão sahe, mas o
Corregedor o torna a chamar.) Sãr. Escrivão! (Entu-
o o Escrivão.) D. Francisco de Alancaste está solto!

Escr. — Sim, Senhor.

Cor. — Fizestes a intimação?

Escr. — Do que lavrei auto, e só falta a vossa
rubrica.

Cor. — D. Elvira ainda não tinha ido ver seu
pai?

Escr. — Ella entrava no carcer quando eu sa-
hia.

Cor. — Ide buscar o réo! (O Escrivão sahe.) E’
noite e ainda tenho que inquirir o réo, e cinco tes-
temunhas! Estou fatigado, e não posso mais!....
porem um juiz pôde sem remorsos poupar-se ao
trabalho, e deixar gemer os desgraçados nas mas-
morras! Pode tratar das suas commodidades sem se lembrar que as familias dos presos suspiram por saber a sorte, uns do pai, e outros do esposo, do filho, ou do amigo! Poderá um juiz ser tão barbaro, que tendo ferrolhado a homens só por meras suspeitas os deixe entregues à desesperação, à miséria e à morte, sem curar de extremar a innocencia do crime! Poderá um juiz ter um coração tão duro, que nem ao menos lance uma lagrima de compaixão sobre essas fataes pronuncias de crimes de estado! (Entrão o Escrivão, soldados, e João Barradas Escrivão do povo preso com cadeas nos pulsos.)

Escr. — Sêr. Corregedor observo!....
Cor. — Que é noite.
Escr. — E na fórma da lei....
Escr. do Povo. — Sêr. Corregedor, e para que me quereis fazer perguntas?
Cor. — Para saber a verdade.
Cor. — El-rei não quer vinganças!
Escr. do Povo. — O rei é homem, e tendo todas as paixões dos homens, lhe falta o conhecimento do mundo. El-rei quer, o que o ministro quer, que elle queira.
Cor. — Estais enganado!
Escr. do Povo. — El-rei talvez não sabe o que se passa no Escurial, quanto mais em Portugal.
Cor. — (Zangado.) Vós abusais! As vossas respostas não são proprias de um réo.
Escr. do Povo. — Concordo que não devemos conversar. Mandai-me para a prisão!
Cor. — Sêr. Escrivão vamos a inquirião.
Escr. do Povo. — Trabalho perdido! Quereis me moer a paciencia, e nada mais.
Cor. — E as vossas denuncias?
Escr. do Povo. — Forão falsas, forão dadas por medo, e compradas com promessas de liberdade!
Fr. João de Vasconcellos me afiançou em nome de El-rei, que eu seria livre; e eis-me em ferros! (mexe com as cadeias.) São porem ferros justos pois são a paga da vileza e da trahição.

Cor. — Deveis confiar em El-rei.

Escr. do Povo. — O poder ama a trahição e aborrece o trahidor!

Cor. — E' necessário conformar-vos á vossa sorte; confessar o que sabeis sobre o Duque de Bragança, e esperar pela clemencia de El-rei.

Escr. do Povo. — Tanto estou conforme com a minha sorte, que nada peço, excepto que me mandeis para a prisão. Sobre o Duque só sei, que elle ou algum outro, hade mais tarde ou mais cedo ser Rei de Portugal. Quando um povo quer ser livre custa muito a contel-o na obediencia. Na maioria dos portuguezes ha um só pensamento, em todo o Portugal voga uma só ideia, e esta é— a liberdade do reino. O tumulto do povo em Evora foi só um symptom da grande agitação nacional, e um ensaio da grande revolução futura. Contra a vontade de Filippe 4., contra a vontade vossa, e de todos os maus portuguezes, Portugal hade ser restaurado. De El-rei não quero nada, nem a vida quero dever ao tyranno da minha patria; pois queiro morrer maldizendo aos Hespanhoses.

Cor. — E de mim nao quereis nada?

Escr. do Povo. — Nada!.... porem!.... quero sim, um favor. Olhai para o que se furta em Evora! Conhecei que até das medonhas e immundas eunovias os empregados tirão ouro, roubando o peso ao mesquinho e negro pao, que a caridade manda a desfiguradas creaturas mortas de fome e miséria!

Cor. — E nada mais?

Escr. do Povo. — Nada mais.

Cor. — (Para os soldados.) Levai o réo. (Sahem.) Infeliz humanidade! (Para o Escrivão.) Despedi as testemunhas, e retirei-vos. (Sahe o Escrivão.) Desditosa patria! E quanto desgraçado sou eu, que para viver necessito ser empregado publico! (Toma o chapéu e sahe. Tirão a meza e as cadeiras.)
\[\text{SCENA 3.ª}\

De noite. Vista de prisão; tem no fundo um lampião.
Do lado direito está a porta principal, e do esquer-
do duas portas, e no fundo uma porta pequena.
Entrão do lado esquerdo o Conde de Basto
e o Carcerião.

CAR. — Estais livre, Sr. Conde!
CONDE. — Já vos disse que não sou Conde.
CAR. — Ora essa é boa! Nascestes Conde....
 fostes Conde, sois Conde.... e haveis de ser Conde!
CONDE. — El-rei me tirou o título.
CAR. — Tirou o título!... (Fica pensativo.) Pois
El-rei Nosso Senhor pôde por ventura tirar-nos o
nome que Deus nos dá?
CONDE. — Bom homem, não vos deveis impor-
tar com estas questoes — ellas não valem nada!
CAR. — E' bom saber de tudo: ora dizei-me
não vos pozerão na pia do baptismo o nome de
Conde de Basto?
CONDE. — O meu nome de baptismo é — Fran-
cisco.

CAR. — Agora vejo a loucura dos homens, e
a vossa vaidade! Largastes o vosso nome de—
Francisco — nome tão bonito, e de um tão bom
santo, por outro nome, que até d'elle não reza a
Santa Madre Igreja! Bem fez o rei.... bem fez
em castigar-vos!.... Mas vamos ao que nos inte-
ressa — é alta noite, e não vos deveis demorar nes-
ta casa.... bem vedes que estou gastando azeite!
(aponta para o lampião) E de mais nesta cidade nim-
guem dá casa de graça.... (abanando a cabeça.)

CONDE. — Bem vos percebo! Se tivesse dinheiro
eu vos havia de agradecer.
CAR. — Pois vossa filha, que de tarde tão ale-
gre vos veio dar novidades, não vos trouxe soccor-
ros!.... filha ingrata! Assim está o mundo....

CONDE. — Já fui rico e poderoso, e sou agora
pobre e desgraçado! Deos assim o quiz, e seja
feita a sua vontade assim na terra como no Céu!
CAR. — (Abaita a cabeça.) Amen! Amen!
Conde. — Vós mesmo me avisasteis, que d'essa casa só se saíha de noite.

Car. — E' dos Estatutos do Santo Ofício, — só se saíha de noite, e alta noite! Mas já há muito que deraão onze horas, e nunca preso algum se demorou tanto! Confessai, Sáir. Francisco, que gostasteis do quarto, e da minha companhia?.... Mas o peior é que sois pobre!.... Olhai!... foi por ser a vós!.... se não!.... (Zangado.) Fica certo que nas prisões sem dinheiro ninguém é bem tratado! E vossa filha agora zomba de mim.... e que tal....

Conde. — Minha filha não zomba de vós! Alguns amigos são os que me mandaõ a condução para sair de Évora; e não tenho remedio senão esperar. (Tocão em uma sineta.) Talvez seja ela!

Car. — Deos queira!.... Deos queira!.... (Sahe pelo lado direito, e zangado.)

Conde. — Vil ouro como governais o mundo!.... Até nas medonhas masmorras é necessário ter ouro para se gozar dos frios agrados de vis criaturas, que por baixo interesse se sujeitão a guardar as infelizes victimas da Lei, ou do poder! Até nas tenebrosas prisões o ouro tudo vence, e por elle se commettem os mais graves crimes!.... Até nas in-fames euzovias o ouro dá distinção e honra ao crime, e despreso á virtude!.... dá triumpho ao malvado, e humilação ao innocent!.... da graça às blasfemias do impio, e escarnear aos avis da des-ventura! Ouro! Ouro!.... que terrivel e medonha não seria a vossa historia se houvesse um espelho que deixasse ver todos os vossos crimes!!

Entrão D. Elvira já sem luto, e o Carcereiro, que vem ralhando.

Car. — Não posso esperar mais! Tenho dito!....

D. Elv. — (Lança-se nos braços do Conde.) Meu amado pai!

Conde. — Querida filha! (Separaõ-se.)

D. Elv. — Tudo está prompto, e meia noite não tarda a dar.

Conde. — Quanto longo me não tem parecido o tempo!

Car. — Não posso consentir em mais demo-
fás!... rua!... já e já! Se não fecho as portas, e
 tornará o Sênh. Francisco a ficar, para amanhã es-
 perar pela tal meia noite!... E logo hoje!... A'
 meia noite!... Deos me livre!... ( benze-se) Ficava
 perdido!

D. ELV. — (Tira uma bolsa e a dá ao Carcereiro.)
Desculpa ser só dinheiro em prata!.... E' um si-
 gnal da nossa gratidão! Sempre serve!....

CAR. — (Muito alegre.) Para muito!... para mui-
to!.... Porem nobre donzella não era necessaria esta
generosidade! Eu amo muito a vosso pai!.... Sou
muito humano! E gosto muito de fazer as vontä-
des aos presos! Não é assim Sênh. Francisco?

CONDE. — De certo! (A parte.) Villão! alma baix-
a e miseravel que só anias o dinheiro!

CAR. — Sênh. Francisco, esta casa é vossa, e
n'ella podeis ficar o tempo que for do vosso agrado;
mas é necessário quando der meia noite, que vos
recolhais com vossa filha aquelle quarto; (aponta
para a porta do lado esquerdo) e isto só em quanto
eu entregue a um dos Confessores d'esta Santa Casa
um réo, que deve sahir por aquella portinhã! (apon-
ta para a porta do fundo.)

CONDE. — Também sabe solto e livre?

CAR. — (Abanando a cabeça.) Solto não, mas
livre talvez!

D. ELV. — (Com interesse.) Como?

CAR. — Isso é segredo, minha bella menina!

D. ELV. — Pois não governaes os presos?

CAR. — Governo em quanto elles estão em meu
poder, mas logo que n'esta sala livre os entregue á
algunos dos Confessores ou Familiares da Casa não
sei mais d'elles, nem respondo por elles! Vão por
aquella porta, (torna a mostrar a porta do fundo) e
por um estreito corredor,... vão,... vão... e uns tor-
não a voltar e outros lá ficão.

D. ELV. — E aonde vai dar o corredor?

CAR. — Bem mostrais que sois mulher! E o que
vos importa o corredor?

D. ELV. — (Com pezar.) Cuidava não ser isso um
misterio!

CAR. — E que tal!... Ficou triste!....
D. Elv. — Não sou curiosa!... mas...
Car. — Mas, sois mulher, não é assim?
D. Elv. — Porem nada mais quero saber.
Car. — Bravo! bravo!... E não quereis saber?
D. Elv. — Já vos disse, que julgava não haver n'esta casa mysterios.
Car. — Ha mysterios, e mais que mysterios!
(Olha em roda da sala, reparando.) Sempre é bom vêr...
D. Elv. — De que tendes medo?
Car. — D'estas mesmas paredes, pois ellas até tem ouvidos.
D. Elv. — E os mysterios?
Car. — Estais morta para saber!... olhai minha Senhora, n'esta Santa Casa tudo se faz, ou de noite, ou com luzes; ninguem falla, e os réos só vêem a minha cara, e aquellas dos Inquisidores! Tudo é segredo e mysterios!
D. Elv. — O corredor vai dar na sala dos tormentos! Que grande e feia sala! (benze-se.) Fui só lá uma vez, e Deos queira que não volte lá mais! (torna a benzer-se.)
D. Elv. — E como é que ficão lá os réos?
Car. — Morrem nos tormentos, e como vão para o inferno, e não podem ser enterrados em sagrado, ficão debaixo das lages da mesma sala, e por causa das taes sepulturas é que eu lá fui.
D. Elv. — E os que vem?
Car. — Eu os torno a fechar nos carceres.
D. Elv. — E este réo?
Car. — Só Deos sabe se voltará! Coitado! Deos queira que não volte; mas que sua alma seja salva.
D. Elv. — Porque?
Car. — Está já resolvido no Tribunal, que deve ser queimado vivo! E' necessário agradar ao povo, se não elie não tem fé na Inquisição.
D. Elv. — Pois a fé do povo depende das fogueiras?
Car. — O povo gosta de ver taes execuções, necessita gozar de taes horrores, para se animar e ter em que fallar; e n'estes tempos de desordens &
necessário alegar—o com tal divertimento; e demais, quantos mais morrem queimados, quantas mais provas ha da bondade, santidade, e caridade, do respeitável e illustre Tribunal da Inquisição. Ah! minha Senhora, se não fosse a sabia instituição da Inquisição onde estava hoje Portugal! Nas mãos dos Mouros ou dos Judeos, e nossos avós estavam já no inferno, e nós no caminho do inferno! (benze-se.)

D. Elv. — Porem a religião de Jesus Christo, verdadeira, santa, em si mesmo sublime, e que por sua essencia é justa, humana, e social, carece por ventura para sua existência e gloria de tribunais, de juízes, de fogueiras, e da vontade do ignorante povo?

Car. — (Com espanto.) O que dizeis mulher pecadora?

Conde. — (Tomando a palavra.) Ella diz, que Deos Omnipotente não depende dos homens; o que é uma verdade; pois bem sabeis, que o Santo Tribunal da Inquisição, que é um órgão da Divindade, não depende nem dos reis.

Car. — Ah!.... isso sim!.... E na verdade nem dos reis o Tribunal depende! Antes os reis dependem da Santa Inquisição, pois ella é a firme sentinella do direito da legitimidade do absolutismo, e o único apoio do poder de direito divino dos nossos monarchas! Se não fosse a Inquisição (fallando com D. Elvira.) estava Portugal inundado de herejes e heresias! A cada canto se havia de achar desses livros do demonio, que falão contra os frades, freiras, e padres! (Passea com muito furor.) Dizerem os taes livros, que os santinhos dos frades são homens ociosos e muteis! Fogueiras! fogueiras n’elles!

Conde. — (Falla com D. Elvira a parte.) Minha querida filha, é necessário ter prudencia, as tuas palavras nos podem perder. (Falla com o Carceriero.) Tendes razão, homem temente a Deos.

Car. — Dizerem, que as bemaventuradas freiras também são pecadoras, e que são prejudiciaes à sociedade!... Tormentos!.... fogueiras e grandes fogueiras!
Conde. — Isso mesmo, meu amigo.

Car. — Dizerem, que os nossos virtuosos clérigos não cumprem com as suas obrigações, que só tratam de enriquecer, gozar, e folgar!... Queimados!... Queimados!

Conde. — O que seria de nós se não fossem os frades, padres, e freiras!

Car. — (Pára, pega no braço do Conde, e com muito entusiasmo diz.) Se não fossem elhes já não havia — nem throno nem altar! (Larga o braço do Conde.) Sem elhes não tínhamos nem rei nem roca! Não tínhamos nem Santos, nem Igrejas, nem Deos para adorar!... Deos nos livre, Deos nos livre dos taes homens da moda! (Benze-se.) Lá que, alguns como vós, queirão para rei um João em lugar de um Filippe, isso paciencia!... São historias profanas, são historias!... Porem fallar mal dos frades, freiras, e padres!... Queimados!... tormentos!... fogueiras! Gosto de ver queimar herejes, não obstante o meu coração ser pequeno como o de uma pomba! Olhai, Sén. Francisco, só choro quando vao a queimar os criminosos de lesa-magestade: quanto não tenho chorado (Chora) a sorte deste que vai esta noite para a sala dos tormentos! tão rapaz!... tão elegante!... Pelo menos tenho bem orado a Deos para lhe dar a sua Divina Graça na ultima hora!

Conde. — F quem é este réo?

Car. — O vosso antigo companheiro, o D. Rodrigo!

Conde. — (Com pezar.) D. Rodrigo de Mello!
D. Elv. — Meu pai!... D. Rodrigo!... (Cahe desmaiada no chão. O Conde vai soccorrer a D. Elvira.)

Car. — (Assustado.) E como hade ser agora! (Abre-se a portinha do fundo, sahe Fr. José com a cara coberta como usuario os penitentes, Fr. José fica parado no fundo do teatro. Principia a dar meia noite.)

Car. — (Com muito susto.) Uma.... duas.... tres.... quatro.... cinco.... seis.... sete.... oito.... nove.... dez.... onze.... doze.... Estou perdido!... Sén. Francisco saia!... (Vai para pega no braço de D. Francisco, e dê com a vista sobre Fr. José. Ajoelha com reverencia, e Fr.
José lhe faz signal com a mão que vá buscar o preso. Sabe o Carcereiro por uma das portas do lado esquerdo.)

Conde. — (Vem a boca do theatro.) Ela ainda o ama! Os remorsos me matao! Talvez se eu tivesse consentido no seu casamento não tivessem acontecido tantas desgraças! (Pensativo.) Deos assim o quiz; seja feita a sua vontade!

Fr. Jose'. — (Na mesma posição.) Homem, verdadeiro christão! (Ouve-se bulha de chaves e ferrolhos de ferro.)

Conde. — (Levantando as mãos para o Ceo.) Deos Omnipotente! tende commiseracao de D. Rodrigo! Se for da vossa vontade, que elle ainda gosse da liberdade, eu juro pelo Vosso Santo Nome, que será o dia da sua uniao o dia da minha maior ventura! (Vai soccorrer a D. Elvira. Entruno o Carcereiro e D. Rodrigo vestido com as vestes da prisao. O Carcereiro vai-se retirando pouco a pouco de D. Rodrigo para lhe deixar a scena livre.)

D. Rod. — (Muito abatido, sem reparar em nada.) Com que, chegou finalmente o dia em que devo acabar de sofrer?.... (O Carcereiro guarda sempre silencio.) De que serve o vosso silencio?..... Serão as leis do Tribunal tão barbaras, que mandem negar aos desgraçados uma palavra de paz, de consolacao, de desengano ou de esperanca!..... Os monstros dos Inquisidores (O Carcereiro benze-se) de certo não são homens!.... se tivessem um coração humano elles havia de sentir os gemidos, que voão e retumbão por estas negras e mortiferas abóbadas!.... E não devo ouvir uma só palavra vossa!.... Se tendes uma razão, não conhecéis, que esse vosso estudado silencio é mais cruel, maior tormento que a propria morte!.... (animado) Deos! Deos todo poderoso! um raio.... um raio que de um só golpe acabe o meu penar!.... (O Carcereiro torna a benzer-se. D. Rodrigo — abatido.) Oh! Deos de bondade! tende compaixão de minha alma!.... Protegei, amparai a minha querida D. Elvira!.... (Chora.) Amor!.... (Com vehemencia.) Amor!.... quanto cruéis e poderosas são as tuas leis!.... Ha um
anno enterrado vivo, devorado pela fome e miséria, e há um anno sempre suspirando, sempre chorando, por D. Elvira!... Saudades! Cruéis saudades! (Com desesperação.) Ciume!... tormentos sobre tormentos!... inferno, sobre inferno! (O Carreiro se beze. D. Rodrigo fica pensativo.) Morter!... (abatido.) E que importa a qualidade de morte?... não é tudo morrer?... Cubrir de vergonha os meus parentes!... e assassinar de dor a Fr. José!... (Com calor.) Homem justo, mentor sabio e prudente; meu segundo pai recebe meu ultimo adeus!... (Chora.) Perdão!... Perdão... das minhas injurias, das minhas suspeitas, dos meus crimes!... (Com desesperação.) O amor e o ciume cegavão a D. Rodrigo, e D. Rodrigo foi um monstro!... (Chora, e depois de alguma pausa diz muito abatido.) Ah! por piedade a vossa benção, o vosso perdão! (Fr. José com a cara coberta corre a lançar-se nos braços de D. Rodrigo, e ficão abraçados.)

CAR. — Que piedoso confessor!... Veio socorrer o penitente que se entregava ao demonio! Deos dos catholicos tende compaixão d'aquelle desgraçado! (Limpua os olhos, Fr. José sahe dos braços de D. Rodrigo e vai para o seu antigo lugar.)

D. ROD. — (Espantado e fora de si.) Foi sonho!... Foi visão!... Eu o vi!... era elle, era o meu bemfeitor!... Não! Não pôde ser!... Foi a morte!... foi a morte que me abraçou, que me chamou... que já me arrasta para os abyzmos!... Eu vou, eu vou!... Mais um instante por piedade!... (Chora.) D. Elvira! D. Elvira!... adeos!... (Com furor.) Por gratidão aborrecer, fugi, assassinei o meu rival, e uma lagrima de dor sobre minhas cinzas!... (Em todo este tempo o Conde está sustentando a cabeça de D. Elvira, e as ultimas palavras de D. Rodrigo elle presta atencão.)

CONDE. — Ouço a voz de D. Rodrigo! E' elle! (Larga de vagar a cabeça de D. Elvira e corre a abraçar-se com D. Rodrigo.) D. Rodrigo! D. Rodrigo!... (Depois de estarem abraçados algum tempo separão-se.)

D. ROD. — (Com dor e desesperação.) Também vós
homem virtuoso ides ao cadafalso? Devemos morrer juntos?... Quem hade amparar a vossa filha? A minha D. Elvira!... (Como louco.) D. Elvira!... D. Elvira!... onde estais?

Conde.— (Chorando) A vossa, e a minha D. Elvira alli jaz!... (aponta com o dedo.) Lucta entre a vida e a morte, entre o amor e o dever!!

D. Rod. — (Repara, e fica louco.) Que cruel sina!... Que vontade barbara!... Oh! Deos sem piedade!... sem bondade!... sem virtude!... Deixe D. Elvira quasi morta quando corria a procurar a vida e a liberdade; e a acho quasi morta quando caminho para o cadafalso!... (alguma pausa.) Não me vejaes! Não acordeis! não me tireis o ultimo resto de valor!... Deixai-me morrer em paz! (fica em extasis.) D. Elvira!... D. Elvira!... (vai ajolhar-se ao pé de D. Elvira, e lhe banha a mão de lagrimas.)

Fr. Jose'. — (Vem a bocu do theatre, e pega no braço do Carcereiro.) Quem são estas creaturas?

Car. — (Tremendo. Fr. José larga o braço.) D. Francisco de Alancastre, e a sua filha! Eu não tive culpa! Elle!... (Toca a sineta da porta.)

Fr. Jose'. — Que signal é aquelle?

Car. — Hade ser a condução de D. Francisco!

Fr. Jose'. — Podeis-vos retirar, o preso já está por minha conta.

Car. — E D. Francisco, e sua filha?

Fr. Jose'. — A' vista dos acontecimentos presentes, devo tirar esclarecimentos de D. Francisco, a fim de os levar à presencia do nosso Santo Padre Inquisidor Geral; e como os depoimentos devem ser em segredo — retirai-vos! Esperai D. Francisco na primeira grade do corredor da prisão, e tomai cuidado que ninguem entre! Tremei por mais faltas!

Car. — Reverendissimo Padre, perdoai!...

Fr. Jose'. — Sei guardar o segredo: — retirai-vos!

Car. — Não será bom fechar a porta?

Fr. Jose'. — E’ de prudencia: fecheis a ultima porta do corredor.

Car. — E devo esperar por D. Francisco?
Fr. Jose'. — Sim, lá na entrada.

CAR. — (A parte.) Maldito dinheiro, maldita mulher! (Suhe. Ouve-se fechar a porta.)

D. Elv. — (Recobrando pouco a pouco os sentidos.) Meu pai!... eu o amo!... eu o adoro!... meu pai... perdão!... fugi... sou vossa... sim eu vou convosco!... meu pai... perdão, perdão... eu quero morrer junto a elle! (D. Rodrigo levanta-se furioso.)

D. Rod. — Morte!... morte!... agora, agora!... Vem, vem por piedade!!! Também tu zombas de mim?... Inferno, eu quero agora uma sepultura!... Deos vingativo deixai-me acabar no momento de meu maior prazer!... E para que mais tormentos?... Ah! deixai-me morrer ditoso!... (Com ternura.) Ella me ama!... ella me adora!... quer morrer junto a mim!... (Com desesperação.) Morte!... morte!... Deos ou demónio! arrebatai-me em quanto gosto, em quanto vivo, em quanto tenho valor! Vamos! vamos!— Algozes acompanhai-me!— Ao cadafalso! à morte!...

Fr. Jose'. — (Tira a mascara, e torna o passo a D. Rodrigo e com muito calor diz.) À vida!..... à vida!..... à liberdade!

D. Rod. — (Espantado.) Fr. José!!! (Ficão abraçados.)

D. Elv. — (Levant-a-se, corre os olhos por todos os lugares como alienada, e vendo a Fr. José ainda nos braços de D. Rodrigo diz com admiração.)

D. Elv. — O que vejo!... Onde estou!... (Fr. José, e D. Rodrigo separão-se.) Oh! meu Deos!.... D. Rodrigo!... (Recuando com susto.) E' elle!... é elle!... Vive!.... Nao morreu!.... Ah! será um espectro, ou eu perdi a razão!.... (esconde a cara nas mãos, e depois de pequena pausa diz com arrebatamento.) Meu pai!.... meu pai!.... socorro, socorro!

Conde. — Minha filha!..... minha querida Elvira!... recobra o animo, és ditosa, D. Rodrigo vive! Repara, repara, Fr. José esta conmosco. (Fr. José limpa os olhos: D. Rodrigo mostra-se commovido, e D. Elvira mostra espanto.)
D. Elv. — E consentis que eu morra junto á elle ?

Conde. — Tem esperanças !..... Vê !..... (a ponta para Fr. José.)

D. Elv. — E' Fr. José !.... Fr. José!

Conde. — (Ao mesmo tempo que D. Elvira diz Fr. José.) O nosso Anjo salvador ! (Todos ao mesmo tempo, até D. Rodrigo, se ajoelham aos pés de Fr. José.)

Todos. — Amparai-nos !

Fr. José'. — Confai em Deos.

Todos. — A vida e a liberdade !

Fr. José'. — Meus filhos ! (Levanta a D. Elvira e a D. Rodrigo.) Meu amigo ! (Levanta o Conde.)

O tempo corre, e todos vós deveis ainda de noite sahir de Evora.

Todos. — Todos nós ?

Fr. José'. — Sim, todos !

D. Rod. e D. Elv. — O' ventura !.... (Tornão a ajoelhar e beijão as mãos de Fr. José.)

Fr. José'. — Levantai-vos ! (Levantão-se.) D. Francisco, não juraste á pouco, que consentias na união de D. Rodrigo com vossa filha ?

Conde. — E ainda o juro.

Fr. José'. — Meus filhos ! (Pega nas mãos di-reitas dos dois e as une.) Sede sempre fieis consor-tes, amai-vos, respeitai a Deos, o sede virtuosos ! (Os dois vão ajoelhar-se aos pés do Conde.)

Ambos. — Meu pai !

Conde. — (Levanta-os.) Meus filhos ! (Abração-se e logo se separão.)

D. Rod. — D. Elvira, meu bem amado ! se sou-besseis os meus sofrimentos, e os meus pezares; se podesseis imaginar quanto meu coraçao sofreu de saudades, só então podiéses conhecer o prazer e a ancia com que vos peço, com que vos imploro a graça de gozar um terno abraço ! Ah ! querido objecto do meu amor, vós não podeis conhecer quanto vos amo, e a influencia e o poder que ten-des sobre minha alma! Sepultado vivo em um me-donho e frio segredo d'estas prisões, blasfemando contra Deos e contra os homens, sem esperanças
no Céo nem na terra, só tive uma única ideia conso-
laradora, uma só ideia fixa, certa, e invariável—
a posse de D. Elvira! Quantas, e quantas vezes
(Com muita ternura) nos meus delírios eu vi a vossa
imagem descer do céo ao cárcere cercada de glória
celeste, e pura e candida bem como um anjo de
Deos encher toda a prisão de luz e paz!! Quantas,
e quantas vezes no frenesi da desesperação eu
vos ouvi excluir — D. Rodrigo! D. Rodrigo!...-
quem não ama a Deos não pôde amar a D. Elvi-
ra!... Esperanças! Esperanças! Deos tudo pôde!
(Com calor.) Ah! que poder! que força! que influ-
ência divina tinha sobre mim a vossa imagem! D.
Elvira, ha cousas que se sentem e não se podem
explicar! Ha tormentos que se sofrem e não ha
termos para descrevel-os! Ha prazeres que se go-
zão e que a mesma imaginação os não pôde pintar!
Minha querida, tudo a vós devo! Sim, pois só
á ideia de amar D. Elvira eu devo a vida, e se
D. Elvira não existisse D. Rodrigo ha muito se
teria suicidado! Cheguei a lutar por vezes com a
morte, vi por vezes o inferno aberto para me de-
vorar, e cercado de fantasmas, mais feias que a
propria morte, por vezes eu voluntariamente corri a
lançar-me na eternidade! (Com ternura.) E quereis
saber quem sempre me salvou? Foi um anjo!....
um anjo!... Eu sempre o vi! E elle era D. El-
vira! (Abre os braços, e D. Elvira banhada em pran-
to lança-se n'eles. Quando Fr. José diz — .... tanto
prazer — separão-se.)

Fr. José. — Devemos confiar em Deos, mas
ainda não é tempo para tanto prazer! (Os dois D.
Elvira e D. Rodrigo separão-se.) D. Francisco e D.
Elvira, deveis seguir com o maior silencio por aquelle
corredor (aponta para a porta principal) fracamente
alumiado, e o Carcerário vos espera na ultima por-
ta. No portão achareis uma liteira e criados, e
elles vos hão de conduzir à Capella da Ordem Ter-
ceira de S. Francisco, e lá haveis de achar o
Vigario da Freguezia, um Religioso meu compa-
nheiro e amigo, e Maria vos fael criada. Vós D.
Rodrigo, me deveis seguir por aquelle corredor se-
creto (aponta para a porta no fundo do teatro), e à porta do palácio do Arcebispo Inquisidor Geral, vos espera, uma lêtea, criados, e dois Familiares do Santo Ofício, e elles vos hão de tambem conduzir à Capella da Ordem terceira de S. Francisco; e o Vigario, que tem as licenças necessarias do Arcebispo, hade unir em casamento de consciência o penitente D. Rodrigo de Mello e D. Elvira de Alencastro, e os dois Familiares serão as testemunhas. Vós D. Francisco e D. Elvira, logo que se concluir o Sacramento, deveis sem dar uma palavra metter-vos na lêtea, e os criados vos levarão à Lisboa. Esta carta (tira da manga uma carta e a dá ao Conde) vos hade abrir em Lisboa as portas de uma honrada casa, e vos hade fornecer tudo quanto necessario for para a vossa viagem para Veneza, e um navio prestes a fazer-se de vela por vós espera. D. Rodrigo, depois do casamento nada de imprudencias; o Religioso vos hade conduzir à sua cela, e vos hade fornecer um disfarce completo de Frade, dinheiro, e cartas de recommendação, e levar-vos-ha ao portão da cerca do convento, e la achareis a mesma lêtea, criados e Familiares, que vos hão de conduzir à cidade de Faro, em cujo porto um navio Inglez a sahir para Genova só espera por vós. O povo á vista das armas da Inquisição, e dos Familiares do Santo Ofício, ha de fugir de vós, e a justiça, e os officiaes de El rei não se hão de atrever a por o menor obstaculo ao vosso caminho. Este passaporte (entrega a D. Rodrigo um papel) do Arcebispo Inquisidor Geral, no qual declara, que Fr. José do Amor de Deus vai em commissão do Santo Ofício, vos hade deixar seguir a viagem. A bordo achareis dinheiro, vestidos, e deixareis de ser Fr. José, mas nunca mais vos podeis chamar D. Rodrigo de Mello: tomai o meu antigo nome — Paulo Foscarì. De Genova deveis logo seguir para Veneza a unir-vos a bella consorte. Este maço de papeis lacrados (Du lhe um maço de papeis) os deveis abrir lá em Veneza e na praça de S. Marcos. Achareis os títulos de nobreza de vossa mãe, de sua filiação, e legi-
timidade, e haveis de achar mais uma carta para um
Banqueiro, letras de cambio, documentos e pro-
curações, e o mesmo Banqueiro vos hade entregar
uma avultada somma de capitais. E' o resto de
minha antiga fortuna, que depusiste na mão do pai
do mesmo Banqueiro quando sahi de Italia. (Pega
na mão de D. Rodrigo e a leva ao coração, e diz.)
Taes valores erão pertencentes de direito à minha
filha e vossa mãe; e hoje de direito são vossos como
seu unico e universal herdeiro! (Larga a mão de D.
Rodrigo.) E eu vos dou a minha bênção! (D. Ro-
drigo e D. Elvira se lanção aos pés de Fr. José,
e ambos ao mesmo tempo dizem.)
Ambos. — Meu avô. (beijão-lhe a mão.)
Fr. José'. — (Levanta-os e com transporte diz.)
Meus filhos, à meus braços! E adeus para sempre!
Todos. — Para sempre!
Fr. José'. — Sim, para sempre! (D. Elvira e
D. Rodrigo lanção-se nos braços de Fr. José. Depois de
alguma pausa Fr. José vai pegar na mão de D. Fran-
cisco e lhe diz.) D. Francisco adeus; e n'este mun-
do não nos tornaremos a ver!.... Meus filhos, mais
uma vez o prazer de vos abraçar! (Abraçao-se.)
D. Rod. — E vós ficaes em Evora?
Fr. José'. — Sim, meus filhos, e a morte em
muito breve me hade tirar de Évora; e em Évora
desejo ser sepultado. (Banhado em pranto.) Só no
outro mundo nos veremos! O tumulto do povo em
Évora acabou, e a revolução política ainda não
principiou, mas meus dias estão findos, e não ve-
rei Portugal restaurado!! Adeus! Adeus! e para
sempre!
D. ELV. — Pois assim nos quereis abandonar!....
Quando vossos filhos vos devem a vida, a liberda-
dade, e a ventura, é que elles vos hão de deixar?
Quereis ficar só, sem ter quem junto a vós chore
os vossos pezares, e goze dos vossos prazeres? (Com
muita ternura.) Ah! vinde! vinde comnoso! Cedei
aos nossos rogos já que para nós quereis viver!
D. Rod. — Meu pai!.... acompanhai-nos, ou pe-
lo menos afiançai-nos, que em breve haveis de se-
guir para Italia viver comnoso, gozar dos vos-
sos bens, e da companhia de vossos filhos! Ah! tendes animo de abandonar a D. Rodrigo vosso querido neto! Não quereis receber os extremosos cuidados, os sensíveis afagos de D. Elvira, que vos respeita e adora? Não quereis continuar a ser o nosso mentor, o nosso guia? (Fr. José fica banhado em pranto.) Se acaso os Ceos abençoarem a nossa união, não quereis ver, não quereis gozar das carícias e dos encantos da innocencia?

Conde. — Fr. José, alma nobre e generosa, meu verdadeiro amigo e protector!.... o que ficas fazendo em Evora? Tudo quanto tendes feito por nós, este segredo, que vai ser guardado por tantas pessoas, e entre elles tantas da plebe, não pôde ser descubierto? E o que será de vós?

Fr. José'. — (Com muito valor.) D. Francisco, e meus filhos, — devo ficar! E' necessário que se cumprão os decretos da Providencia! A nossa demora é prejudicial, e ainda podemos ficar todos perdidos!

Todos. — (Banhados em pranto.) Deveis ficar!

Fr. José'. — Inutil pranto!.... Deos é misericordioso e nos hade valer a todos! Confiai em Deos! O tempo vóa, o Carcereiro pôde desconfiar, e ninguém mais poderá salvar a D. Rodrigo. D. Francisco, e D. Elvira, segui o vosso destino! D. Rodrigo acompanhai-me! (Sahem.)

Fim do terceiro e ultimo acto.
**ERRATAS.**

Com arrebatação — lea-se — Com arrebatamento.

Pag. 3 Linha 28 forma — lea-se — formão.

---
1. 5 — ta  — tal
2. 6  — popular:  — popular;
3. 10 — da sociedade — das sociedades
4. 11 — escravidão, da — escravidão da
5. 13 — Hade — Ha de
6. 15 — En — Em
7. 20 — minha, filha — minha filha,
9. 22 — horrorosamente — horrorosamente,
10. 30 — do que cabeça — do que a cabeça
11. 32 — Segredo? — Segredo.
12. 28 — melhor — melhor,
14. 28 — tema — tem a
15. 19 — Marque — Marquez
16. 63 — Com muito — Levanta-se, e com muito
17. 71 — que ainda que, — que, ainda que
18. 81 — Reverendissima — Reverendissima
19. 82 — Edize-me — E dize-me: